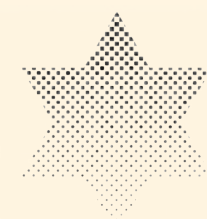
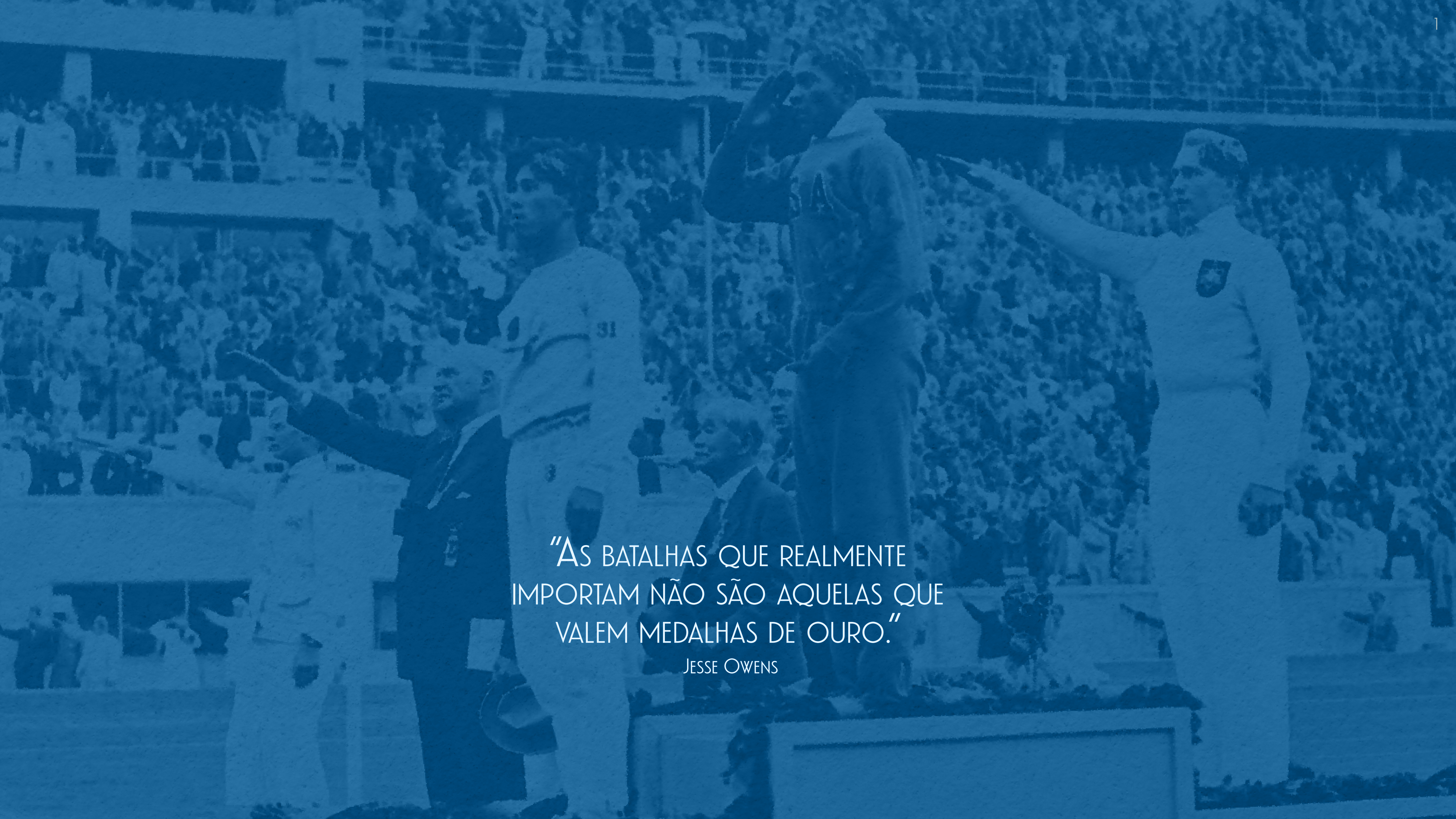


A CHAMA E A SOMBRA:

OS 90 ANOS DAS OLIMPÍADAS DE BERLIM





“AS BATALHAS QUE REALMENTE
IMPORTAM NÃO SÃO AQUELAS QUE
VALEM MEDALHAS DE OURO.”

JESSE OWENS

ÍNDICE

Apresentação	4
---------------------	----------

Seções

Judeus e esporte na Europa entre as duas guerras mundiais	5
--	----------

Alfred e Gustav Flatow	6
Béla Guttmann	7
Lilli Henoch	8

Nazismo e esporte	9
--------------------------	----------

As Olimpíadas de 1936: Uma peça de propaganda política	10
---	-----------

Gottfried von Cramm	11
Jesse Owens	12
Helene Mayer	13

As Olimpíadas de 1936: A exclusão no esporte	14
---	-----------

Margaret (Gretel) Bergmann-Lambert	15
------------------------------------	----

As Olimpíadas de 1936: Percepções no estrangeiro	16
---	-----------

Marty Glickman e Sam Stoller	17
------------------------------	----

Os movimentos de boicote e as Olimpíadas Populares de Barcelona	18
--	-----------

Lillian Copeland	19
Werner Seelenbinder	20
Eric Seelig	21
Johann Trollmann	22

Olimpíadas: Entre confraternização universal e exclusão	23
--	-----------

Attila Petschauer	24
Equipe neerlandesa de ginástica	25
A Liga Terezin	26
Agnes Keleti	27
Ralph Metcalfe	28
Nora Rónai	29

Os Jogos Olímpicos de 1936 no acervo do Museu do Holocausto	30
--	-----------

Propostas Pedagógicas	35
------------------------------	-----------

Legendas	47
-----------------	-----------

Bibliografia	49
---------------------	-----------

Créditos	53
-----------------	-----------



O QUE UM GRANDE ESPETÁCULO ILUMINA? O QUE ELE DEIXA NA SOMBRA?

Há pouco mais de um século, o educador francês Pierre de Coubertin imaginou os Jogos Olímpicos da Era Moderna como uma plataforma para aproximar nações e incentivar as amizades e o entendimento mútuo. No entanto, seu surgimento e consolidação como o maior evento esportivo do planeta sempre estiveram profundamente ligados à política. Desde a criação, os Jogos refletem tensões nacionais, disputas de poder, exclusão, desigualdades sociais e questões raciais. Afinal, o esporte não está dissociado da política e dos temas sociais.

Em 1936, essas relações e contradições alcançaram um de seus momentos mais emblemáticos. Enquanto o mundo voltava seus olhos para a chama olímpica, uma sombra crescia sobre a Europa. Ao institucionalizar políticas de racismo e perseguição, o regime nazista transformava os Jogos Olímpicos em uma poderosa ferramenta de propaganda. Por trás da imagem cuidadosamente construída de uma Alemanha moderna, organizada e pacífica, consolidava-se um regime que fazia do racismo, do antissemitismo e da exclusão políticas de Estado.

Noventa anos depois, revisitar esse evento no marco de um museu do Holocausto significa compreender como grandes celebrações internacionais podem ser instrumentalizadas para legitimar projetos autoritários, ocultar violações de direitos humanos e difundir narrativas de intolerância. Mais do que um capítulo da história do esporte, os Jogos de Berlim constituem um campo de reflexão sobre democracia, propaganda, preconceito e responsabilidade coletiva.

O material educativo “A Chama e a Sombra: os 90 anos das Olimpíadas de Berlim” é o resultado de uma longa pesquisa que reuniu documentos, peças

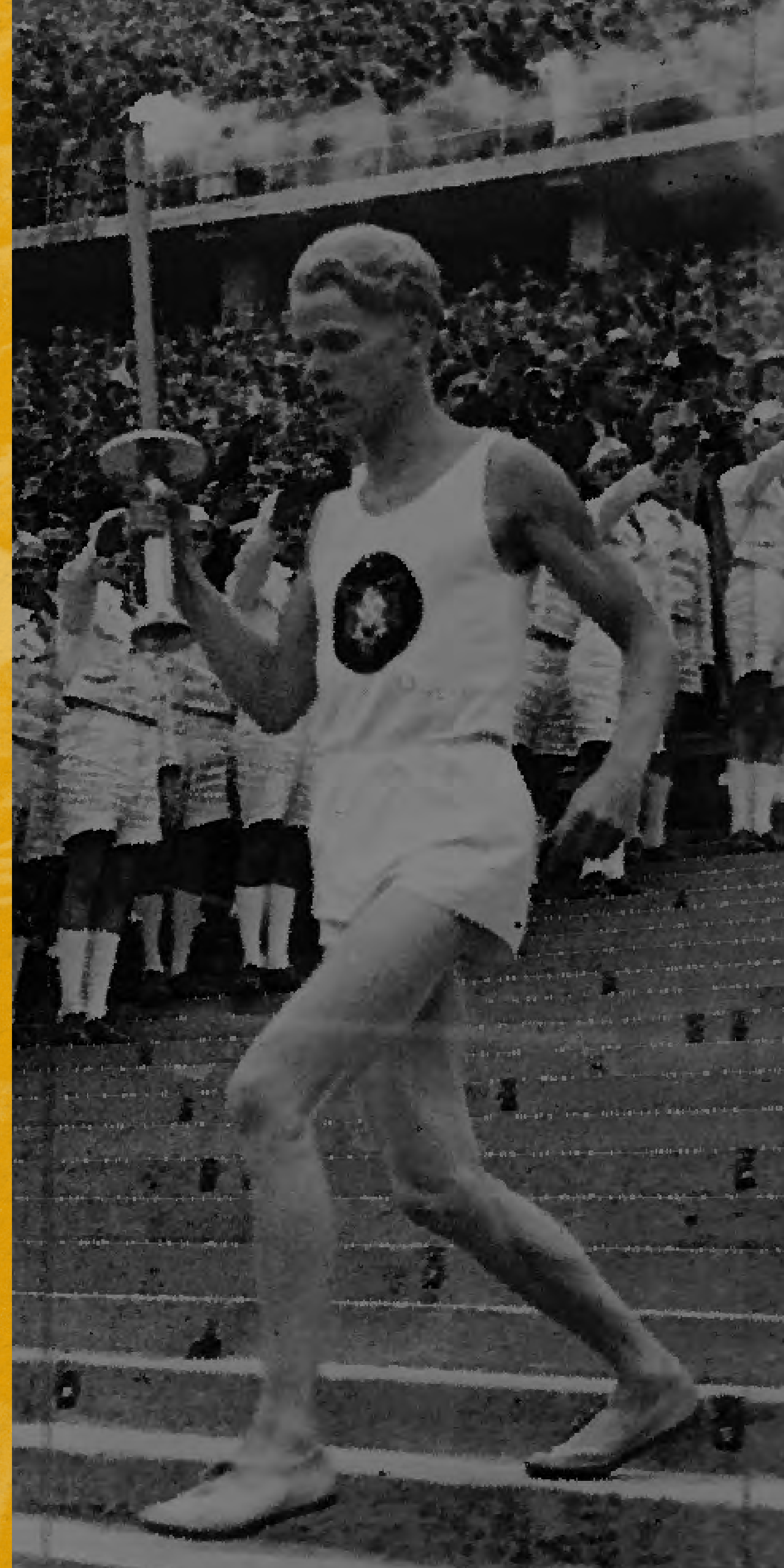
de acervo, fotografias, propostas pedagógicas e, sobretudo, trajetórias individuais. Para além das cerimônias grandiosas e dos recordes esportivos, havia pessoas cujas vidas foram marcadas pela discriminação, pela exclusão e, em muitos casos, pela violência do regime nazista.

Produzido pelo Museu do Holocausto de Curitiba, este material reafirma o compromisso da instituição com uma educação baseada na memória e na promoção dos direitos humanos. Ao disponibilizar gratuitamente este conteúdo, o Museu oferece subsídios a educadores, estudantes e interessados para a construção de um conhecimento crítico sobre o passado. Os roteiros pedagógicos aqui apresentados foram concebidos para favorecer o diálogo e a investigação, fortalecendo a educação como instrumento de prevenção ao preconceito e à violência. Eles estimulam reflexões que ultrapassam os limites da sala de aula.

**“A Chama e a Sombra”:
a chama como símbolo do
ideal olímpico; a sombra como
realidade histórica. A chama
como a memória que
permanece acesa; a sombra
como o risco do esquecimento
e da negação.**

A contraposição entre a chama e a sombra é o cerne deste material, que passa a integrar o rol de contribuições que o Museu do Holocausto presta à sociedade brasileira.

Carlos Reiss
Coordenador-geral do
Museu do Holocausto de Curitiba



JUDEUS E ESPORTE NA EUROPA ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS



Os estereótipos atuais mais comuns sobre judeus, inclusive aqueles difundidos nas próprias comunidades judaicas, dificilmente os associam ao esporte. Esse estranhamento, porém, é algo recente. Judeus europeus no período entre as duas guerras mundiais rapidamente evocariam o judeu polonês Siegmund (Zishe) Breitbart (1893-1925), conhecido como o “homem mais forte do mundo”, ou o sucesso do Hakoah Wien, clube judaico campeão austríaco de futebol, com o zagueiro judeu húngaro Béla Guttmann. Mais tarde, em 1957, ele conquistaria o Campeonato Paulista como técnico do São Paulo Futebol Clube.

No fim do século XIX e início do século XX, a prática de esportes, fosse em competições de alto rendimento ou não, havia se tornado um hábito difundido, sobretudo na Europa Central, inserindo-se também no cotidiano dos judeus. Eles eram ativos em associações esportivas locais e criaram seus próprios clubes, que frequentemente eram organizados segundo linhas étnicas e políticas. Havia, por exemplo, clubes judaicos operários e associações esportivas sionistas.

Para muitos judeus, o esporte era um importante instrumento de fortalecimento da identidade coletiva. Em especial para os sionistas, o esporte era um elemento da constituição do “novo judeu” que almejavam, forte e autônomo, em oposição à imagem de fraco e dependente que eles associavam ao judeu da diáspora. Era o que Max Nordau chamava de *Muskeljudentum* (“judaísmo musculoso”, em alemão). Em praticamente qualquer comunidade judaica com organizações sionistas relevantes, uma sociedade esportiva era fundada com nomes popularmente associados a esse movimento, como Bar Kochba ou Maccabi.

Ao mesmo tempo, outros judeus das primeiras décadas do século XX viam no esporte um meio de integração social. Havia a expectativa de que a prática esportiva desconstruísse os estereótipos antissemitas ao mostrar que os judeus eram igualmente portadores de valores como honra e disciplina, demonstrando que não eram diferentes dos demais cidadãos, ao passo que o sucesso em competições como os Jogos Olímpicos os apresentava como capazes de contribuir para a boa imagem de seus países.

Nos anos 1920, o avanço do antissemitismo na Europa — que culminaria na ascensão do Partido Nazista na Alemanha —, fez com que a prática esportiva de muitos judeus ficasse mais restrita aos clubes judaicos, que cresceram nessa época.

Apesar disso, judeus seguiram presentes no universo do esporte. Desde os primeiros Jogos Olímpicos Modernos, em 1896, atletas de diversas nacionalidades disputaram as competições, havendo competidores judeus em todas as edições. De Alfred Flatow, ginasta alemão que conquistou três medalhas de ouro e uma de prata em Atenas, em 1896 (e que morreu em um campo de concentração nazista, em 1942), até Emery Lehman, medalhista de prata na patinação de velocidade nas Olimpíadas de Inverno de Milão-Cortina 2026 pelos Estados Unidos. Segundo a Jewish Virtual Library, somadas todas as edições dos Jogos Olímpicos até hoje, atletas judeus conquistaram 485 medalhas. Seis dessas medalhas foram conquistadas por cinco atletas brasileiros, sendo duas de Adriana Behar, do vôlei de praia. A primeira foi conquistada pelo jogador de basquete Moysés Blás (bronze em Roma, em 1960); a mais recente, pelo judoca Felipe Kitadai (bronze em Londres, em 2012).



ALFRED E GUSTAV FLATOW

Os primos Alfred e Gustav Flatow foram dois dos primeiros grandes nomes do esporte olímpico moderno, destacando-se na ginástica artística no fim do século XIX. Nascidos em famílias judias — Alfred em 1869 e Gustav em 1875 —, ambos representaram a Alemanha nos Jogos Olímpicos de Atenas de 1896, os primeiros da Era Moderna.

Alfred foi medalhista de ouro nas barras paralelas e de prata na barra fixa, além de conquistar mais duas medalhas de ouro na ginástica por equipes. Ele ainda competiu em outras modalidades da ginástica e do atletismo, como 100 metros rasos, salto em altura, salto com vara, salto em distância, salto triplo e arremesso de peso. Gustav, por sua vez, integrou a equipe vencedora nas provas coletivas, garantindo duas medalhas de ouro. O desempenho da equipe alemã de ginástica foi predominante, marcando os primos como pioneiros entre os heróis olímpicos do país.

Após os Jogos, Alfred consolidou sua carreira como ginasta e membro técnico em equipes, além de publicar obras sobre treinamento esportivo. Gustav seguiu envolvido com o esporte, mas também se dedicou ao comércio têxtil. Ambos passaram a viver em Berlim, onde presenciaram a ascensão do nazismo, que mudaria para sempre suas vidas. Em 1933, Gustav fugiu para os Países Baixos, enquanto Alfred permaneceu na Alemanha, mesmo sendo gradativamente excluído de organizações esportivas por ser judeu.

Com o aumento da perseguição nazista, Alfred também se mudou para os Países Baixos, em 1938. Em 1942, ele foi deportado para o gueto de Theresienstadt, onde morreu ainda naquele ano, aos 73 anos. Gustav conseguiu se esconder, mas também foi capturado. Após passar por um campo de trânsito, foi enviado ao mesmo gueto onde o primo havia falecido. Gustav morreu em 1945, aos 70 anos.

Décadas depois, após um período de esquecimento por parte da comunidade alemã de ginástica, a memória dos primos Flatow finalmente foi resgatada. Em 1987, a Federação Alemã de Ginástica criou a Medalha Flatow, concedendo-a a nomes importantes do esporte. No ano seguinte, a cidade de Berlim renomeou uma das ruas do complexo olímpico como Flatowallee. Em 2012, duas "pedras do tropeço" (homenagem às vítimas do Holocausto) foram colocadas em frente à antiga residência da família Flatow, em Berlim.





BÉLA GUTTMANN

Béla Guttmann foi um dos mais importantes treinadores de futebol do século XX. Nascido em Budapeste, no então Império Austro-Húngaro, em 1899, ele teve uma trajetória marcada tanto pelo sucesso esportivo quanto por ser judeu em um período de crescente perseguição na Europa. Guttmann foi jogador, atuando em clubes como o MTK Budapeste e o Hakoah Wien, ligado à comunidade judaica. Também participou dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Guttmann precisou se esconder para sobreviver ao Holocausto. Com a ajuda de um cunhado não judeu, permaneceu em um sótão para escapar da polícia. Mais tarde, com medo das deportações para Auschwitz, apresentou-se voluntariamente para um campo de trabalhos forçados. Fugiu de lá, passando até o fim da guerra em um esconderijo. Depois da guerra, ele evitava falar sobre o que passou, utilizando o futebol para reconstruir sua vida.

Após a guerra, iniciou uma longa carreira como treinador, alcançando reconhecimento mundial. Passou por diversos países e clubes, o que o tornou conhecido como um “nômade” do futebol. Destacou-se por suas ideias inovadoras, especialmente na consolidação de um estilo de jogo ofensivo e dinâmico. Ajudou a desenvolver e popularizar o esquema tático 4-2-4. Em 1957, treinou o São Paulo Futebol Clube e adotou um modelo de jogo que influenciou a seleção brasileira, campeã mundial em 1958.

Ao longo da carreira, treinou importantes clubes da Europa e da América do Sul, mas foi no Benfica, de Portugal, que atingiu o auge. Sob seu comando, o clube conquistou duas Copas dos Campeões Europeus consecutivas, em 1961 e 1962. Deixou o Benfica em meio a desentendimentos, dando origem à famosa “maldição de Guttmann”, segundo a qual o clube não voltaria a vencer competições europeias sem ele. A história tornou-se parte do folclore do futebol e perdura até hoje. Béla Guttmann faleceu em 1981, em Viena.

LILLI HENOCH

Lilli Henoch nasceu em 1899, em Königsberg, na Alemanha (atual Kaliningrado, na Rússia). Filha de um rico comerciante, perdeu o pai cedo, em 1912. Anos depois, mudou-se para Berlim com a mãe e os irmãos, Suse e Max. Ainda criança, Lilli apaixonou-se pelo esporte, praticando atletismo e modalidades coletivas. Na capital, entrou para o Clube Esportivo de Berlim (BSC), marcando o início de sua carreira como atleta. Ela foi a primeira mulher a receber o prêmio “Águia Dourada”, a mais alta homenagem do clube.

Entre 1922 e 1926, foi dez vezes campeã alemã pelo BSC nas modalidades de arremesso de peso, lançamento de disco, salto em distância e revezamento 4x100. Além disso, Lilli estabeleceu quatro recordes mundiais e destacou-se em esportes como hóquei e handebol. Com esses resultados, Lilli poderia ter participado dos Jogos Olímpicos de 1924, mas, após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha não foi convidada a competir.

No momento da ascensão nazista ao poder, Lilli era a presidente da divisão feminina de atletismo do BSC. Desempenhou o cargo por pouco tempo, pois, em agosto de 1933, foi expulsa da instituição por ser judia.

Afastada dos esportes oficiais alemães, Lilli passou a trabalhar como professora de ginástica na escola da comunidade judaica Rykestrasse. Uma vez por ano, ajudava a organizar um festival esportivo da própria comunidade. Contudo, o evento foi encerrado após a Noite dos Cristais, em 1938, e o espaço foi confiscado pelos nazistas.

Em abril de 1939, a família de Lilli foi obrigada a dividir o confortável apartamento em um bairro nobre de Berlim com outras quatro famílias judias. Em 1941, mudou-se com a mãe para um apartamento menor na área central da cidade. O trabalho como professora continuou até meados de 1942, quando a escola foi fechada e Lilli passou a trabalhar em uma fazenda controlada pela SS, próxima à cidade de Fürstenwalde, embora continuasse morando com a mãe na capital. Foi nesse período que ambas receberam a ordem de evacuação, no verão de 1942. Em 5 de setembro, elas foram deportadas em um vagão de gado. Após uma viagem de três dias até Riga, na Letônia ocupada, Lilli e a mãe foram assassinadas assim que chegaram. Seu irmão mais novo foi morto no campo de concentração de Buchenwald, em 1945. Sua irmã mais velha, Suse, foi a única da família a sobreviver.



NAZISMO E ESPORTE

O esporte nunca foi politicamente neutro. Ao longo da história, a prática e as competições esportivas foram mobilizadas por e contra regimes políticos e seus governantes. Não foi diferente com o nazismo, que se valeu do esporte para promover e exaltar sua ideologia.

Na Alemanha, o esporte já era muito popular desde o século anterior à ascensão do nazismo. O romantismo valorizava a atividade física e o culto ao corpo como forma de regeneração física e espiritual, em oposição à Modernidade cosmopolita e urbana. Nesse contexto, destacava-se o movimento Turnen (ginástica), que conectava corpo, disciplina e nacionalismo. A instrumentalização do esporte para teorias antisemitas também precede o nazismo. Desde o século XIX, o “corpo judeu” era retratado como inapto para atividades esportivas, em contraposição ao “corpo ariano”.

O nazismo se apropriou de ideias que já circulavam, mas as tornou política de Estado. Assim, a propaganda do Partido Nazista nos jornais, rádios e cinemas valia-se do esporte para demonstrar a pretensa superioridade da raça ariana. O sucesso esportivo alemão era representado por atletas fortes, saudáveis e musculosos, que atendiam ao imaginário do ariano. Esse sucesso simbolizava a superação dos valores individualistas. Além disso, o sacrifício do atleta era visto como uma metáfora e uma preparação para o sacrifício vitorioso no campo de batalha. O bom e puro alemão deveria praticar esportes para edificar a alma e o corpo, atendendo às necessidades da nação. Na Juventude Hitlerista, disciplina e formação ideológica eram articuladas ao esporte.

Nos anos seguintes à ascensão do nazismo, todo tipo de associação na Alemanha passou por processos de nazificação, o que incluiu as entidades esportivas. Clubes e sociedades deveriam ter membros do Partido Nazista em seu comando e agir conforme os valores dessa ideologia. Isso significava usar o esporte para fortalecer o mito da superioridade ariana, preparar homens jovens para a guerra e excluir judeus de clubes e competições, relegando-os a clubes especificamente judaicos.

No entanto, os Jogos Olímpicos eram, a princípio, vistos com desconfiança pelos nazistas. Em 1931, quando Berlim foi anunciada como sede dos Jogos Olímpicos de 1936, o Partido Nazista — então já uma força relevante no parlamento alemão —, era contrário à sua realização. Consideravam que o ideal olímpico de uma confraternização pacífica entre os povos se chocava com o nacionalismo, o expansionismo e o racismo do nazismo.

Uma vez no poder, contudo, os nazistas passaram a enxergar nos Jogos Olímpicos uma oportunidade: os valores universalistas do olimpismo poderiam ser deixados de lado, e o evento, apropriado para outros fins. Havia um precedente recente para isso, a Copa do Mundo de futebol de 1934, na Itália, usada para promover o regime fascista de Mussolini. Os próprios nazistas testaram essa estratégia no início de 1936, com os Jogos Olímpicos de Inverno em Garmisch-Partenkirchen (na época, os Jogos de Inverno e de Verão ainda eram realizados no mesmo país e ano), que funcionaram como uma espécie de “ensaio geral”. Diante do sucesso do evento, o regime se convenceu de que os Jogos de Verão, marcados para agosto, não lhes trariam problemas, pelo contrário, poderiam ser úteis.



AS OLIMPIADAS DE 1936: UMA PEÇA DE PROPAGANDA POLÍTICA

A escolha da Alemanha como país-sede dos Jogos Olímpicos de 1936, em 1931, gerou, interna e externamente, a expectativa de que seria uma oportunidade para reabilitar sua imagem após a Primeira Guerra Mundial.

Entre a escolha da sede e a realização do evento, no entanto, o Partido Nazista ascendeu ao poder na Alemanha. Em 1936, Adolf Hitler já era o Führer, as leis de Nuremberg institucionalizavam o antissemitismo e os primeiros campos de concentração, como Dachau, já confinavam prisioneiros políticos.

A cidade de Berlim foi “limpa” das placas e propagandas mais extremistas que chocariam os visitantes. Duas semanas antes da abertura, cerca de 800 ciganos foram presos no campo de Marzahn, no subúrbio da capital alemã, em uma tentativa de afastá-los da vista do público, embora o campo estivesse a apenas alguns quilômetros do centro da cidade. O público também não viu, ou preferiu não ver, o recém-aberto campo de concentração de Sachsenhausen, a menos de 50 quilômetros do Estádio Olímpico, nem o envio dos primeiros soldados da legião Condor para a guerra civil espanhola.

Em 1º de agosto, quando os Jogos foram abertos, a máquina de propaganda estava preparada. Mais de 300 estações de rádio transmitiram as competições em mais de 25 idiomas. Também foram as primeiras Olimpíadas transmitidas pela televisão, ainda que apenas para telões na cidade de Berlim.

Para os nazistas, os Jogos foram um enorme sucesso, evidenciado não só pela liderança alemã no quadro de medalhas, mas também pela eficácia com que, para grande parte da opinião pública, o regime transmitiu a imagem de ter sido responsável por reerguer a Alemanha. A empolgação era tamanha que o arquiteto Albert Speer logo começou a planejar o Deutsches Stadion, um estádio monumental nazista em Nuremberg para acomodar 400 mil pessoas, mas a construção jamais foi concluída.

Durante os Jogos, a cineasta Leni Riefenstahl filmou *Olympia*, uma de suas obras mais conhecidas. Com quase quatro horas de duração, o documentário era uma peça de propaganda do regime. A primeira parte do filme dedica-se a traçar uma suposta continuidade entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista, em que uma é apresentada como a herdeira da outra, livre das “corruptoras influências” judaicas e africanas. A segunda parte é uma exaltação ao “corpo ariano”, mostrando atletas brancos e loiros em meio à natureza. Sua estética neopagã contrastava com o expressionismo do cinema alemão dos anos 1920.

Ainda que o documentário exibisse cenas da vitória do atleta negro norte-americano Jesse Owens, *Olympia* foi um dos mais eficazes instrumentos de propaganda dos valores nazistas: a glorificação da competição entre nações, o triunfo dos mais fortes, a superioridade do corpo sobre o intelecto e a celebração de heróis premiados por qualidades biológicas. Apesar disso, o filme — com inovações técnicas possibilitadas por um generoso financiamento governamental — foi aclamado pela crítica e constituiu um importante elemento do impacto político dos Jogos Olímpicos de 1936.

Internamente, os Jogos ampliaram a popularidade do regime, que se sentia cada vez mais à vontade para implementar seus pressupostos ideológicos.



GOTTFRIED VON CRAMM

“O Barão”. Assim era conhecido Gottfried von Cramm nas quadras de tênis. Nascido em 1908, na Alemanha, o terceiro filho do barão von Cramm tornou-se um dos maiores tenistas do mundo. Bicampeão do torneio de Roland Garros, alcançou o primeiro lugar do ranking mundial em 1937. Tornou-se uma lenda dentro e fora das quadras. Seu talento, beleza e educação garantiram-lhe fama internacional no período entreguerras.

Sua aparência (alto, loiro, com olhos verdes e porte físico atlético) era exatamente o que os nazistas consideravam o ideal ariano. Porém, sua sexualidade foi alvo do regime. Por esse motivo, foi preso pela Gestapo em 1938, acusado de “irregularidades sexuais” com base no conhecido Parágrafo 175. Gottfried era acusado de manter um relacionamento com Manasse Herbst, um ator alemão e judeu também perseguido pelos nazistas, que se exilou no exterior. Gottfried teria enviado recursos financeiros ilegalmente a Herbst.

Depois de ser liberto da prisão por “boa conduta” e, possivelmente, pelas conexões políticas de sua família, Gottfried voltou a competir em 1939. No ano seguinte, entretanto, sua carreira foi novamente interrompida. Ele foi obrigado a servir no Exército Alemão durante a Segunda Guerra Mundial, sendo enviado como soldado para a frente oriental. Outra reviravolta ocorreu em 1944, quando foi investigado pela Gestapo por suposto envolvimento na tentativa de assassinar Adolf Hitler, mas nada foi encontrado.

Após o término da guerra, continuou se dedicando ao esporte, ajudando a reconstruir a modalidade na Alemanha pós-guerra. Gottfried faleceu em 1976, em um acidente de carro no Egito, durante uma viagem de negócios.



JESSE OWENS

Jesse Owens foi um atleta negro e norte-americano que se destacou como um dos maiores nomes da história do atletismo. Nascido em 1913, ele ganhou reconhecimento ainda jovem por seus resultados nas provas de velocidade e salto em distância, desenvolvendo uma carreira marcada por recordes mundiais e inúmeras conquistas.

Nos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, Owens conquistou quatro medalhas de ouro: nas provas de 100 metros, 200 metros, salto em distância e revezamento 4x100 metros. Seu desempenho foi excepcional tanto pelo número de vitórias quanto pelo contexto em que ocorreu. As vitórias de Owens desafiaram diretamente a ideia de superioridade racial ariana promovida pelo nazismo, fazendo com que ele não ficasse lembrado apenas por suas conquistas, mas se tornasse um símbolo da luta contra a discriminação e o racismo.

Muitos afirmaram que Adolf Hitler teria se recusado a cumprimentar Owens após suas conquistas. No entanto, o próprio atleta relatou que o líder nazista chegou a reconhecê-lo com um aceno, e que a ausência de um cumprimento oficial se devia a uma decisão de não encontrar individualmente nenhum participante. Isso não significava que Hitler estivesse satisfeito com a vitória de um atleta negro, mas parte dos esforços de propaganda em torno das Olimpíadas era transmitir uma imagem de normalidade do regime.

A falta de reconhecimento que mais incomodou Owens ocorreu ao retornar aos Estados Unidos, onde ele não recebeu do então presidente Franklin D. Roosevelt nem um telegrama nem um convite para ser recepcionado na Casa Branca. Assim, mesmo tendo desafiado simbolicamente o racismo nazista diante do mundo, ele ainda enfrentou a discriminação em seu próprio país, evidenciando as contradições da época e a segregação que permanecia.

A fama após as Olimpíadas também acabou rapidamente. Sem emprego ou contratos comerciais, Owens teve que aceitar diferentes trabalhos que estavam longe da imagem de um campeão olímpico. Chegou a ser atração de circo e correu contra motos, carros e cavalos para conseguir dinheiro e sustentar sua família. Foi somente na década de 1950 que obteve maior reconhecimento ao realizar palestras pelo país, o que lhe permitiu levar uma vida melhor. Em 1976, foi condecorado com a Medalha Presidencial da Liberdade. Faleceu em 1980.





HELENE MAYER

Helene Mayer, nascida em 1910 na cidade alemã de Offenbach, destacou-se ainda jovem na esgrima, conquistando seu primeiro campeonato nacional aos 14 anos. Com seu talento, tornou-se uma das maiores atletas de sua época, reconhecida pelos fãs por sua imponência e seu carisma. O maior feito de sua carreira veio quando, aos 17 anos, foi medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928. No início da década de 1930, acumulou títulos, consolidando sua reputação internacional como uma das melhores esgrimistas do mundo.

Entretanto, com a ascensão do regime nazista na Alemanha, em 1933, Helene viu sua vida mudar drasticamente. Filha de pai judeu e mãe protestante, passou a ser considerada *mischling* ("mestiça", em alemão) pelas leis raciais, foi excluída de clubes esportivos e teve sua bolsa para estudar nos Estados Unidos retirada pela Alemanha. Graças à sua fama no esporte, conseguiu apoio financeiro para terminar os estudos na América do Norte.

Com os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, o governo nazista, que buscava demonstrar a suposta tolerância do regime, convidou Helene para integrar a equipe alemã. Ela foi a única atleta de origem judaica na delegação alemã.

Sua participação nos Jogos foi marcada por grande ambiguidade e controvérsia. O momento mais marcante ocorreu ao conquistar a medalha de prata na prova de florete individual. Durante a cerimônia de premiação, Helene fez a saudação nazista no pódio. Seu gesto gerou críticas internacionais e permanece alvo de debates até hoje. Para alguns, é interpretado como coerção ou tentativa de proteger os familiares que ainda viviam na Alemanha. Para outros, seria uma demonstração de conformismo e indiferença diante das políticas raciais nazistas.

Após as Olimpíadas, Helene retornou aos Estados Unidos, onde continuou competindo e alcançou grande sucesso, vencendo campeonatos nacionais. Mais tarde, voltou à Alemanha, onde faleceu em 1953.



16

17



AS OLIMPIADAS DE 1936: A EXCLUSÃO NO ESPORTE

À medida que os Jogos Olímpicos de 1936 se aproximavam, parte da opinião pública manifestava preocupação com a realização de uma confraternização universal em um país governado pelo Partido Nazista. Esse sentimento se intensificou após a promulgação, no ano anterior, das Leis de Nuremberg, que institucionalizaram a discriminação contra os judeus.

Adolf Hitler assegurou ao Comitê Olímpico Internacional (COI) que não haveria discriminação contra atletas negros e judeus. O COI optou por acreditar. Quanto aos atletas estrangeiros, o regime orientou a organização dos Jogos a respeitá-los, independentemente de sua origem, para não prejudicar a imagem da Alemanha.

Isso não se aplicou, no entanto, aos esportistas alemães não arianos, especialmente aos judeus. Oficialmente, os nazistas declararam que atletas judeus que se classificassem não seriam impedidos de competir pela Alemanha. Porém, fizeram de tudo para que isso não ocorresse. Esses atletas só podiam treinar em clubes exclusivamente judaicos, com condições e equipamentos precários. Eram barrados das competições locais e, nos esportes coletivos, deixavam de ser convocados. Os poucos que ainda conseguiam competir eram retirados das equipes com explicações pouco plausíveis. Um exemplo é Margaret (Gretel)

Bergmann-Lambert, cujo desempenho foi considerado insuficiente, apesar de ela ter igualado o recorde europeu no salto em altura um mês antes dos Jogos.

Até a abertura do evento, praticamente todos os judeus estavam excluídos das equipes olímpicas alemãs. As únicas exceções, como uma forma de atender às pressões internacionais, foram dois atletas considerados "mestiços" pelos critérios nazistas: Rudi Ball, do hóquei no gelo (durante as Olimpíadas de Inverno), e a esgrimista Helene Mayer, que ganhou a medalha de prata.

Entre as provas, o florete feminino reservou uma situação curiosa. As três medalhistas eram judias ou consideradas racialmente judias sob a ótica nazista: Helene Mayer, pela Alemanha; a húngara Ilona Elek; e a austríaca Ellen Preis. Pelo menos 15 atletas judeus ou de origem judaica ganharam medalhas naquela edição dos Jogos, mas Helene era a única alemã entre eles.

Finalizados os Jogos Olímpicos, sem os olhos do mundo voltados para a Alemanha, a perseguição se aprofundou. Talvez a primeira vítima fatal ligada às Olimpíadas não tenha sido um atleta, mas o capitão do Exército Alemão Wolfgang Fürstner, que foi chefe da Vila Olímpica. Poucos dias após o fim dos Jogos, ele soube que, por ter um avô judeu, seria exonerado das Forças Armadas, e cometeu suicídio.

MARGARET (GRETEL) BERGMANN-LAMBERT



18

Margaret (Gretel) Bergmann-Lambert foi uma atleta alemã judia, especialista no salto em altura, cuja trajetória ficou marcada tanto por seu talento esportivo quanto pela perseguição sofrida durante o regime nazista. Nascida em 1914, na Alemanha, ainda criança jogava futebol e handebol, mas foi no atletismo que ganhou destaque, vencendo inúmeras competições e acumulando medalhas.

Com a ascensão do nazismo, sua carreira foi interrompida e sua vida diretamente afetada pelas políticas antissemitas. Em 1933, foi excluída de clubes esportivos, o que a levou a mudar-se para o Reino Unido, onde continuou competindo e conquistou o campeonato britânico de salto em altura. Seu nome voltou a ser lembrado na Alemanha nazista quando o regime cedeu à pressão internacional e tentou aparentar inclusão ao considerar alguns atletas judeus para os Jogos Olímpicos de 1936.

Nesse contexto, e com medo do que poderia acontecer com familiares que permaneciam na Alemanha, Margaret retornou para treinar e integrar a equipe olímpica do país. Porém, foi retirada poucas semanas antes do início dos Jogos, sob a alegação de "desempenho insuficiente", uma justificativa infundada, considerando que ela havia estabelecido recordes durante as seletivas.

Após esse episódio, Margaret deixou definitivamente a Alemanha em 1937 e emigrou para os Estados Unidos. Mesmo com dificuldades, continuou sua carreira, conquistando títulos nacionais no salto em altura. Ainda assim, o impacto das perseguições e da exclusão marcou profundamente sua trajetória, interrompendo seus sonhos de competir nos Jogos Olímpicos. Sua história tornou-se um dos símbolos da injustiça sofrida por atletas judeus durante o nazismo e da instrumentalização do esporte como propaganda política.



A NOITE — Quarta-feira, 22 de Abril de 1936

O THEATRO DA MAIOR E MAIS BELLA OLYMPIADA DO SECULO

O estadio olympico de Berlim e suas particularidades

Detalhes impressionantes e facilidades para os assistentes



Um tipo novo do Parque Olympico de Berlim, vendo-se a formidavel sala de atletico, quasi concluida, as torres monumentaes, o estadio de natação e outros e os demais edificios de desenvolvimento



O quadro da A. A. Independente que acaba de ser eliminado do torneio

A A. A. Independente no Torneio Aberto

A novel A. A. Independente, com a sua alta, atlantidosa, vigorosa e disciplinada e ardor, exatidão na sua jogada, não se pôde deixar de reconhecer que sua figura, nos dois jogos em que tomou parte, revelou a sua superioridade.

Onde foram feitos os primeiros basketballers brasileiros

Vão ser preparados novos players para as quadras da cidade. Os Cursos da A. A. M.

Bahiano deixará o Tijuca T. C.

NÃO POUEM LEITE AOS SEUS FILHOS



AS OLIMPIADAS DE 1936: PERCEPÇÕES NO ESTRANGEIRO

Dentro da Alemanha, a censura fazia com que a imagem construída pelo regime nazista sobre os Jogos Olímpicos fosse a única permitida a ser veiculada na imprensa. Porém, para os padrões da época, a mídia internacional enviou muitos correspondentes a Berlim. Parte desses correspondentes reproduzia a propaganda nazista, mas houve também quem apresentasse outras versões dos acontecimentos.

No Brasil, era comum que os jornais enaltecessem a grandiosidade dos Jogos, sem dar maior atenção à ideologia racista e às perseguições impostas pelo regime nazista. Poucas semanas antes do início da competição, o jornal *A Noite* chamou-a de a "mais bella olympiada do século". Análises mais críticas ficavam, em geral, reservadas a publicações ligadas a sindicatos e partidos políticos.

A maior parte da cobertura buscava separar o evento esportivo da política, focando no primeiro e ignorando que os Jogos já estavam altamente politizados pelos próprios nazistas. Além disso, Brasil e Alemanha viviam um momento de intensificação das relações comerciais e diplomáticas, de modo que críticas poderiam não ser bem recebidas pelo governo brasileiro, que também se tornava cada vez mais autoritário.

Até mesmo veículos da imprensa internacional que antes haviam publicado artigos pedindo o boicote aos Jogos, como o *The New York Times*, acabaram publicando avaliações positivas das Olimpíadas. O correspondente do jornal em Berlim, Frederick Birchall, por exemplo, afirmou que os alemães estavam de volta ao grupo de nações avançadas. Essa avaliação, no entanto, não representava necessariamente uma corroboração da ideologia nazista. Ainda, o sucesso de atletas judeus e negros, com destaque para as quatro medalhas de ouro de Jesse Owens, era visto como uma prova de que a ideologia de superioridade racial era falha. Havia esperança de que o sucesso desses atletas contribuísse para abrandar o racismo, que havia se tornado uma política de Estado na Alemanha.

Além disso, esse tom crítico, embora ingênuo, raramente se refletia no reconhecimento das desigualdades internas. Muitos atletas negros, cujas vitórias eram enalticidas como uma “derrota” da ideologia nazista, continuavam a enfrentar as barreiras raciais da sociedade norte-americana.

Apesar dos esforços de propaganda do regime nazista, era impossível esconder totalmente dos jornalistas o que se passava na Alemanha. Houve quem optasse por não ver e quem denunciasse essa realidade. Mesmo assim, essas denúncias pouco alteraram a postura da comunidade internacional. Para grande parte dela, os Jogos Olímpicos de 1936 foram um sucesso.

PAGINA DEZESEIS — SEGUNDA SECÇÃO

DIARIO DE NOTÍCIAS

DOMINGO, 18 DE DEZEMBRO DE 1936

PATHE PALACIO
MARC PEREZ FILMOS LTD. TEL. 42-0034
AR ACONDICIONADO

Amarilla

4.400
3.200

ART-FILMS APRESENTA um film da TORIS-CINEMA, dirigido por Leni Riefenstahl



O IDEAL GREGO DA PERFEICAO PHYSICA RESUSCITADO NUM FILM QUE REPRODUZ ARTISTICAMENTE OS JOGOS OLYMPICOS REALIZADOS EM BERLIN EM 1936
O ESTILO DOS CAMBIORES DO MUNDO EM "CAMERA LEVITA"
Um film para A NOCHADE FORTE DO BRASIL
ATTENÇÃO: — Os portadores de carteiros de clubes sportivos desta capital gozará do desconto de 10000 sobre o preço da entrada
A SEGUIR NESTE CINEMA: "MOCIDADE OLYMPICA"

OLYMPIADAS

HORARIO:
1.ª Sessão:
MEIO DIA
2 - 4 - 6 - 8 - 10

PROGRAMMAS DE HOJE

CHICO VIRAMUNDO — A famosa patrulha de marfim

Quinta aventura do Chico Viramundo (Tim e Miti) na procura da sua vida, com "desenvolvimento humano" as segundas-feiras.

Por Lyman Young

Partido para o Brasil e para a América Latina
A "Revista do Brasil" e a "Revista do Brasil" e a "Revista do Brasil"

MARTY GLICKMAN E SAM STOLLER

Marty Glickman e Sam Stoller foram velocistas que integraram a delegação dos Estados Unidos nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Eram os únicos atletas judeus da equipe de atletismo e estavam inicialmente escalados para competir no revezamento 4x100 metros.

No entanto, na véspera da competição, foram surpreendidos pela decisão dos treinadores de retirá-los do quarteto e substituí-los por Jesse Owens e Ralph Metcalfe. Pela prática da época, os dois disputariam apenas as provas individuais, por serem os atletas com os melhores tempos. A justificativa oficial para a mudança era a de que a equipe alemã esconderia velocistas mais fortes para surpreender os norte-americanos na prova do revezamento. Embora seja uma explicação plausível, a troca de última hora gerou desconfiância e levantou outra hipótese: o motivo seria evitar constranger o regime nazista, impedindo que atletas judeus subissem ao pódio. Nas palavras de Glickman, "foi um ato declarado de antissemitismo contra Sam Stoller e contra mim". Stoller descreveu o episódio como o momento mais humilhante de sua vida.

Muitos dizem que o próprio Jesse Owens teria se oposto à decisão, defendendo que Glickman e Stoller mereciam competir. Ainda assim, a substituição foi mantida, e a equipe dos Estados Unidos venceu o revezamento com recorde mundial.

O episódio passou a ser visto como um dos momentos mais controversos da participação norte-americana nas Olimpíadas e, até hoje, não foi totalmente esclarecido. Décadas depois, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos reconheceu a injustiça cometida contra os dois atletas, homenageando-os simbolicamente pelas medalhas que deixaram de conquistar. A história permanece um exemplo de como a normalização da ideologia nazista impactava decisões esportivas em outros países também. Sam Stoller faleceu em 1985, aos 69 anos, e Marty Glickman em 2001, aos 83 anos.



OS MOVIMENTOS DE BOICOTE E AS OLIMPIADAS POPULARES DE BARCELONA

No ano que antecedeu as Olimpíadas, emergiram iniciativas de boicote, argumentando que os Jogos na Alemanha serviriam para conferir um ar de normalidade ao regime nazista.

Em 1935, o Comité international pour le respect de l'esprit olympique foi fundado em Paris, mas foi nos Estados Unidos que o debate mais envolveu associações esportivas, imprensa e políticos. Porém, especialmente devido à atuação do presidente do Comitê Olímpico dos Estados Unidos, Avery Brundage, a proposta não avançou. Brundage tornou-se delegado no Comitê Olímpico Internacional, substituindo Ernest Lee Jahncke, expulso do COI justamente por defender o boicote. A partir dessa posição, articulou a participação de outros países nos Jogos.

Brundage argumentava que a política não deveria se misturar com o esporte — o que, neste como em tantos outros casos, só favorece aqueles que já o estavam instrumentalizando. A Alemanha nazista também divulgou manifestações de figuras proeminentes contra o boicote. A principal delas foi Pierre de Coubertin, considerado o “pai” dos Jogos Olímpicos Modernos. Esses esforços demonstram que a campanha pelo boicote tinha popularidade suficiente para preocupar os nazistas.

Embora nenhum comitê olímpico tenha boicotado oficialmente os Jogos, muitos atletas, sobretudo judeus, decidiram não participar. Entre eles, estavam o corredor norte-americano Milton Green, o maratonista tchecoslovaco Oskar Heks (assassinado em Auschwitz, em 1944) e o esgrimista francês Albert Wolff. A recusa, contudo, não se limitou aos atletas judeus: a holandesa Tollien Schuurman, ex-recordista mundial dos 100 e 200 metros rasos, também decidiu boicotar a competição.

Nesse contexto, apoiadores do boicote propuseram a realização de um evento paralelo: as Olimpíadas Populares, previstas para ocorrer em Barcelona entre 19 e 26 de julho, pouco antes dos Jogos de Berlim. As Olimpíadas Populares pretendiam ser não apenas uma alternativa aos Jogos oficiais, mas também uma manifestação antifascista por meio do esporte. Haveria participação de delegações de grupos ou comunidades políticas que não se viam representados nos Jogos ou que não possuíam um Estado independente, como o País Basco, a Argélia, o Marrocos, judeus do Mandato Britânico da Palestina, além de alemães e italianos exilados. Mulheres também teriam maior participação do que nos Jogos organizados pelo COI. As competições envolveriam ainda atletas enviados por sindicatos e clubes operários.

Cerca de 6 mil atletas estavam inscritos para participar. Porém, no dia anterior à abertura, um levante militar deu início à Guerra Civil Espanhola, levando à suspensão das Olimpíadas Populares. Aproximadamente 200 atletas permaneceram na Espanha e lutaram ao lado dos republicanos, como Clara Thalmann, nadadora e militante anarquista suíça.

Apesar dessas iniciativas, os Jogos Olímpicos de 1936 reuniram mais países (49) e atletas (cerca de 4 mil) do que em qualquer edição anterior.



LILLIAN COPELAND

Lillian Copeland foi uma das pioneiras do atletismo feminino e uma das mais importantes atletas do século XX. Nascida em 1904, em Nova York, filha de imigrantes judeus de origem polonesa, mudou-se ainda jovem para Los Angeles, após a morte do pai. Ela praticou diversos esportes, do tênis ao basquete, mas foi no atletismo que se destacou, especialmente no arremesso de peso, e nos lançamentos de disco e de dardo.

Enquanto estudava na Universidade do Sul da Califórnia, venceu praticamente todas as competições de que participou, sendo considerada uma das melhores atletas dos Estados Unidos. Nas Olimpíadas de 1928, como o arremesso de peso não integrava o programa olímpico feminino, competiu no lançamento de disco, modalidade na qual conquistou a medalha de prata. Em sua segunda participação olímpica, em 1932, estabeleceu um novo recorde no lançamento de disco e conquistou a medalha de ouro.

Em 1935, integrou a equipe dos Estados Unidos nas Macabíadas Mundiais (uma espécie de “olimpíadas judaicas”), onde venceu três modalidades: lançamento de disco, lançamento de dardo e arremesso de peso.

Lillian estava se preparando para defender o título olímpico nos Jogos de Berlim de 1936, mas juntou-se ao movimento de boicote. Naquele momento, diversas organizações e figuras públicas também argumentavam que a presença norte-americana poderia ser interpretada como apoio às políticas discriminatórias nazistas. Entre atletas de elite, a decisão de Lillian foi incomum e muito significativa, pois renunciou à disputa por medalhas para protestar contra o que ocorria na Alemanha.

Após encerrar sua carreira esportiva, ingressou no Departamento do Xerife do Condado de Los Angeles, ainda em 1936. Lá, trabalhou por mais de duas décadas até sua aposentadoria em 1960. Lillian Copeland faleceu em 1964 e, postumamente, foi incluída no International Jewish Sports Hall of Fame.





WERNER SEELNBINDER

Werner Seelenbinder foi um atleta e militante político que se destacou por sua atuação contra o regime nazista. Nascido em 2 de agosto de 1904, em Stettin, na Alemanha (atual Szczecin, na Polônia), ingressou ainda jovem em organizações esportivas ligadas à classe trabalhadora e se destacou na luta livre. Aos 15 anos, enquanto trabalhava em Berlim, testemunhou a execução em massa de trabalhadores e soldados revolucionários durante a Revolução Alemã (1918-1919). Crescendo em meio à fome e ao desemprego, aproximou-se dos movimentos de resistência da classe trabalhadora e, em 1928, filiou-se ao Partido Comunista Alemão.

Após a ascensão do Partido Nazista, Seelenbinder assumiu uma posição ativa na oposição ao regime e manteve suas convicções políticas mesmo diante da crescente repressão no país.

Campeão alemão de luta livre em 1933, Seelenbinder recusou-se a fazer a saudação nazista e, por esse motivo, foi preso. Liberado pouco tempo depois, voltou a competir, sagrando-se campeão nacional em 1935. Diante da possibilidade de conquistar uma medalha, foi autorizado a participar dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. Junto ao Partido Comunista, que já atuava na clandestinidade, Seelenbinder planejou uma forma de denunciar a perseguição política durante a cerimônia de premiação. Contudo, ao terminar a competição em quarto lugar, não pôde colocá-la em prática.

Em 1942, um dos grupos de resistência dos quais participava foi denunciado, e ele foi preso. Torturado pela Gestapo, Seelenbinder não revelou nenhuma informação, o que resultou em seu envio a um campo de trabalho em Berlim. Ele tentou organizar, junto a outros comunistas, vários planos de fuga, mas todos fracassaram. Mais tarde, foi deportado para a prisão de Brandenburg-Görden, onde foi executado em 24 de outubro de 1944.

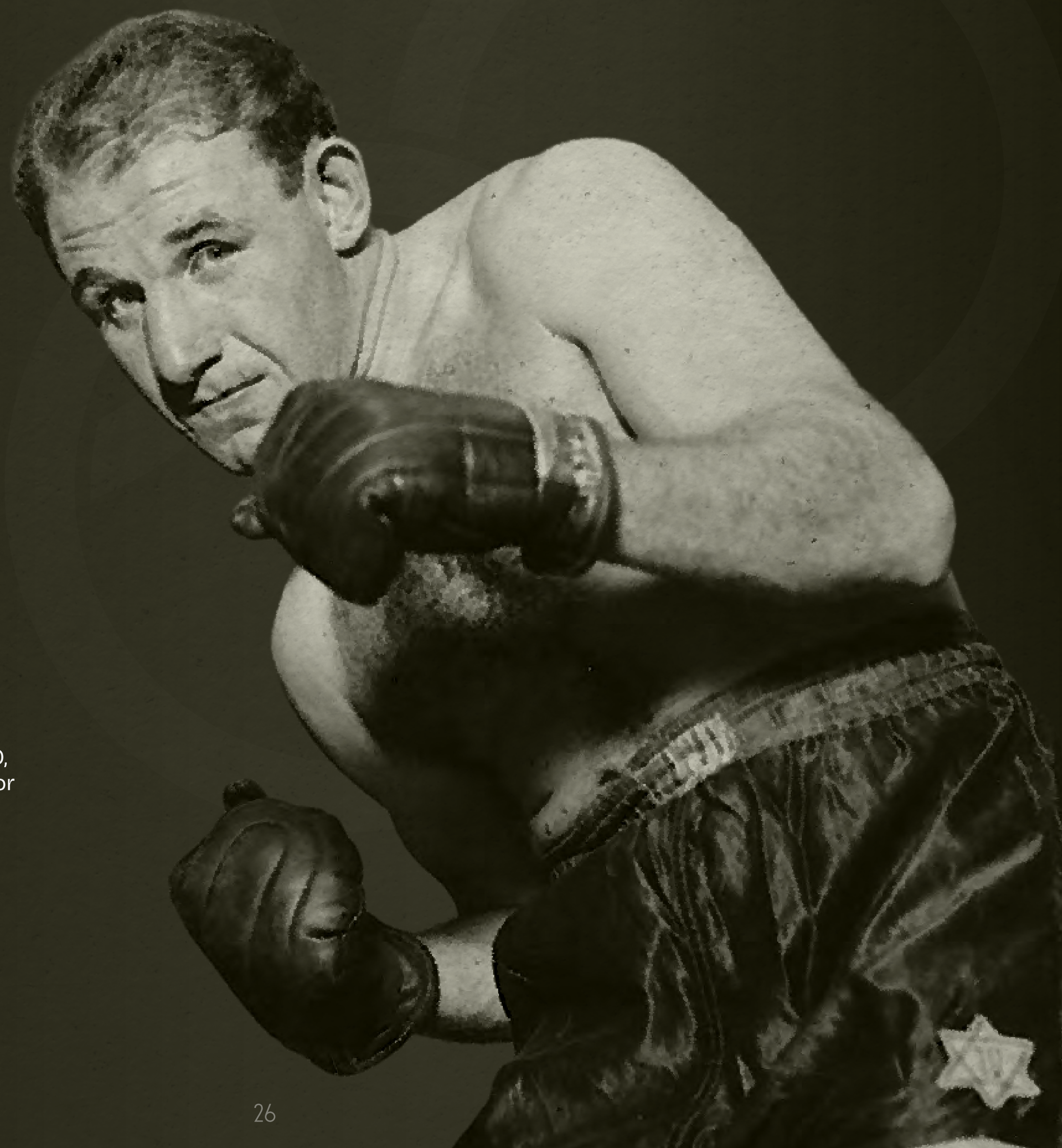
Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o nome de Seelenbinder tornou-se um símbolo da perseguição a esportistas comunistas na Alemanha Oriental, dando nome a ruas, praças e prédios públicos. Já na Alemanha Ocidental, o atleta e sua resistência ao nazismo permaneceram praticamente esquecidos. Foi só em 2004 que o centro de treinamentos no qual se preparou para as Olimpíadas de 1936 foi renomeado para Werner-Seelenbinder-Sportpark e, em 2008, foi incluído no Hall da Fama do Esporte Alemão.

ERIC SEELIG

Eric Seelig foi um dos principais boxeadores judeus alemães do início dos anos 1930 e teve sua carreira esportiva marcada pela ascensão do nazismo. Nascido em 15 de julho de 1909, em Bromberg, mudou-se ainda criança para Berlim, onde começou a frequentar uma academia com seus irmãos. Em pouco tempo, destacou-se no boxe amador, tornando-se profissional em 1931.

Contudo, sua trajetória esportiva, que indicava um futuro promissor, foi abruptamente interrompida pelas políticas antissemitas. Ainda em 1933, foi expulso da Associação Alemã de Esportes de Combate, uma das primeiras instituições a proibir judeus. Além disso, a entidade retirou de Seelig todos os títulos que ele havia conquistado até então. Sob ameaças de morte, fugiu da Alemanha rumo à França. Após vencer sua última luta no Velho Continente, conseguiu o dinheiro necessário para financiar sua ida aos Estados Unidos, onde retomou sua trajetória esportiva.

Em 1936, ano dos Jogos Olímpicos de Berlim, organizou, junto a outros esportistas, um protesto em defesa do boicote à competição. A iniciativa, porém, não teve sucesso. Anos depois, em 1940, casou-se com Greta Meinstein, também atleta judia e exilada. Encerrou sua carreira como lutador e tornou-se professor em sua própria academia de boxe. Faleceu em 1984 e, posteriormente, foi incluído no Hall da Fama Internacional do Esporte Judaico.





JOHANN TROLLMANN

Johann Trollmann, também conhecido como “Rukeli”, nasceu em 27 de dezembro de 1907, na Alemanha, em uma família Sinti (cigana). Desde muito jovem, demonstrou talento para o boxe. Durante a década de 1920, enquanto o boxe se popularizava na Alemanha, Trollmann ganhou notoriedade por suas vitórias e por sua forma inovadora de lutar. Ágil e técnico, desenvolveu um estilo baseado em movimentação constante, frequentemente descrito como uma “dança” no ringue. Essa característica também foi alvo de críticas racistas, pois era considerada insuficientemente germânica.

Apesar do sucesso, sua origem Sinti trouxe muitos obstáculos, mesmo antes da chegada de Hitler ao poder. Em 1928, foi impedido de integrar a equipe alemã nos Jogos Olímpicos de Amsterdã. Mesmo assim, seguiu lutando e, entre 1929 e 1933, acumulou vitórias importantes, tornando-se um boxeador conhecido em toda a Alemanha. O auge de sua carreira ocorreu em junho de 1933, quando venceu a luta pelo título alemão dos meio-pesados. No entanto, sob a influência do regime nazista, o resultado foi anulado e Trollmann teve o título retirado.

Pouco depois, em uma luta marcada por imposições racistas, Trollmann foi obrigado a lutar no chamado “estilo alemão”, sem poder “dançar como um cigano”. Como forma de protesto, entrou no ringue com o rosto e o corpo cobertos de farinha branca e os cabelos pintados de loiro. Trollmann permaneceu imóvel por cinco rounds até ser finalmente nocauteado. Foi assim que sua carreira no boxe chegou ao fim, como uma sátira do ideal ariano.

A partir de então, sua vida foi marcada pela perseguição. Ele foi excluído do esporte, submetido a trabalhos forçados e, em 1938, esterilizado após ser falsamente diagnosticado com uma suposta deficiência mental. Com o início da guerra, foi obrigado a servir no Exército Alemão, sendo expulso em 1942 por motivos raciais. No mesmo ano, foi preso, torturado e deportado para o campo de concentração de Neuengamme. Reconhecido como boxeador, foi obrigado a lutar no campo, além do já extenuante trabalho. Após vencer um temido kapo do subcampo de Wittenberg, Trollmann foi brutalmente assassinado em 1944.

Por décadas, sua história permaneceu encoberta. Em 2003, a federação alemã de boxe finalmente reconheceu sua vitória de 1933, devolvendo simbolicamente seu título. Sua história tornou-se símbolo tanto da resistência quanto da perseguição sofrida pelos Sinti e Roma durante o período nazista.

OLIMPÍADAS: ENTRE CONFRATERNIZAÇÃO UNIVERSAL E EXCLUSÃO

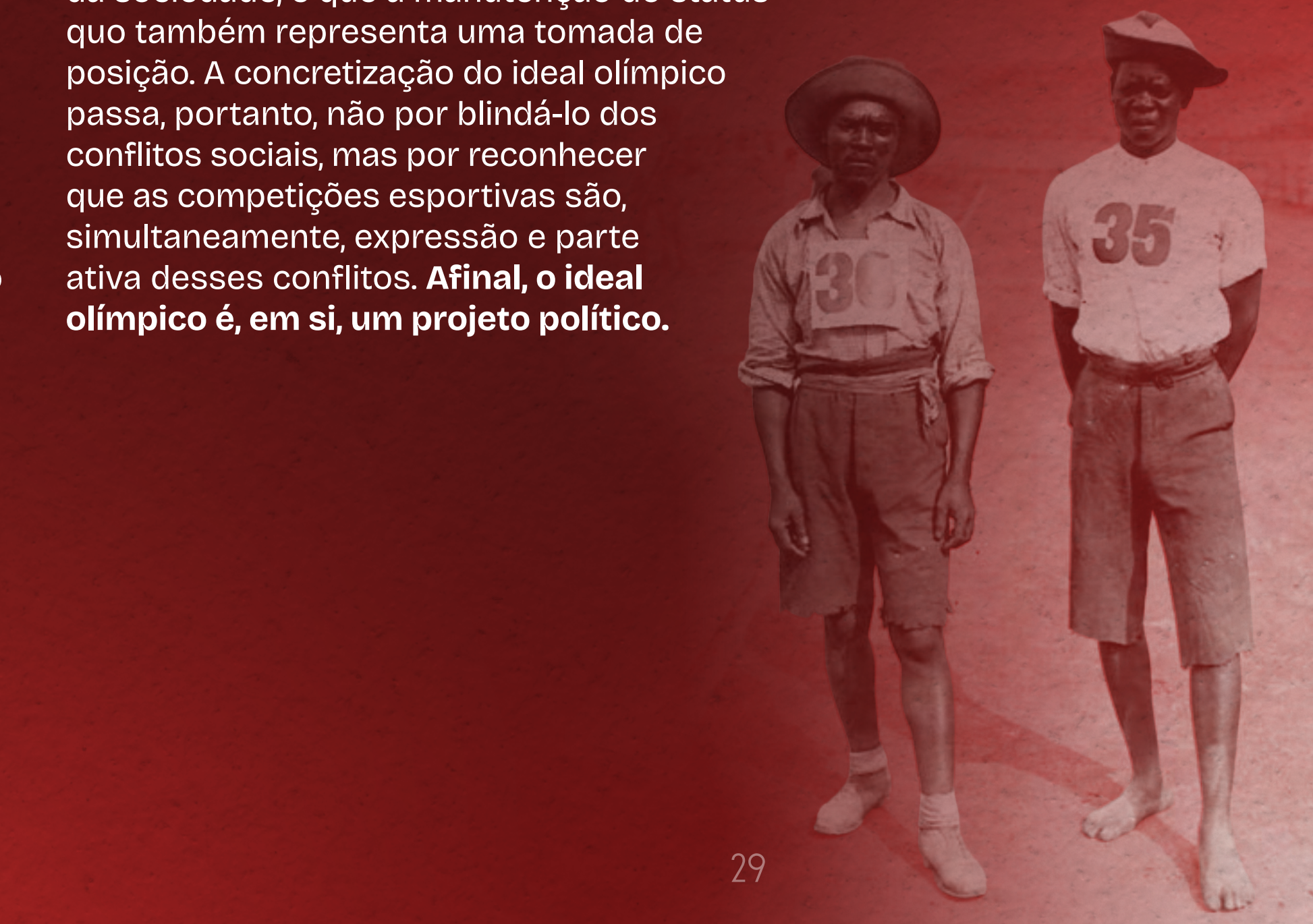
Os Jogos Olímpicos surgiram a partir de um ideal de paz e confraternização universal, inspirado na trégua olímpica da Grécia Antiga. Esse ideal, no entanto, apresentou muitas fissuras ao longo do tempo. A exclusão e a discriminação em torno dos Jogos Olímpicos de 1936 se inscrevem em uma trajetória mais ampla, mais do que uma exceção.

O Comitê Olímpico Internacional (COI), quando criado, era contra a profissionalização do esporte, defendendo que os atletas deveriam competir pela honra e pelo espírito esportivo, não pelo dinheiro. Na prática, a defesa do amadorismo revelava uma visão elitista da relação entre esporte e sociedade, pois excluía aqueles que não podiam se dedicar ao esporte de alto rendimento sem remuneração. Foi somente nos anos 1970 que o COI começou a flexibilizar sua postura.

O racismo também acompanhou a história dos Jogos Olímpicos Modernos. Sua primeira edição, em 1896, não contou com atletas negros e, em 1904, dois atletas foram trazidos da África do Sul com o único objetivo de serem ridicularizados. Mulheres foram excluídas dos primeiros Jogos e, nas edições seguintes, só podiam competir em modalidades consideradas belas esteticamente, sem contato físico, como tênis e golfe. O atletismo, modalidade considerada a mais nobre das Olimpíadas, só foi permitido às mulheres a partir de 1928. A participação de mulheres e atletas negros nos Jogos Olímpicos foi gradual e, ainda que tardia, ocorreu em resposta a movimentos de reivindicação. Com o tempo, os próprios Jogos também se tornaram um espaço de contestação dessas formas de exclusão.

Os Jogos Olímpicos também foram espaço de contestação a essas formas de exclusão. Em 1968, na Cidade do México, em meio a protestos sociais pelo mundo, os velocistas norte-americanos Tommie Smith e John Carlos, medalhistas de ouro e bronze nos 200 metros rasos, fizeram o gesto do Black Power no pódio para denunciar o racismo. Por essa manifestação, foram expulsos da delegação por determinação do presidente do COI, Avery Brundage — o mesmo que, em 1936, presidia o Comitê Olímpico dos Estados Unidos e atuou contra a campanha de boicote aos Jogos na Alemanha nazista. Em ambos os casos, alegou que a política não deveria se misturar ao esporte.

O que Brundage e tantos outros se recusavam a perceber era que o esporte é inevitavelmente articulado à política, por ser uma expressão da sociedade, e que a manutenção do status quo também representa uma tomada de posição. A concretização do ideal olímpico passa, portanto, não por blindá-lo dos conflitos sociais, mas por reconhecer que as competições esportivas são, simultaneamente, expressão e parte ativa desses conflitos. **Afinal, o ideal olímpico é, em si, um projeto político.**



ATTILA PETSCHAUER

Attila Petschauer foi um dos grandes nomes da esgrima mundial nas décadas de 1920 e 1930. Nascido em 1904, em Budapeste, então parte do Império Austro-Húngaro, era judeu e destacou-se desde muito jovem no sabre, sendo considerado um prodígio do esporte. Sua principal vitória veio nos Jogos Olímpicos de 1928, em Amsterdã, quando conquistou a medalha de ouro por equipes no sabre e a medalha de prata na competição individual. Quatro anos depois, nos Jogos de Los Angeles, em 1932, voltou a conquistar o ouro por equipes, consolidando-se como um dos maiores nomes da esgrima húngara.

Além de atleta, Petschauer estudava Direito, tinha interesses artísticos em pintura e música, e mantinha uma forte ligação com sua identidade judaica. Afirmava publicamente sua origem mesmo com o aumento do antissemitismo na Europa. Isso fez com que, mesmo desfrutando de grande reconhecimento e prestígio, fosse uma das milhares de vítimas das políticas discriminatórias na Hungria, aliada da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de possuir um documento que, por suas conquistas esportivas, o eximia de ser deportado, Petschauer foi enviado para um campo de trabalhos forçados na União Soviética. Lá, foi reconhecido por um antigo atleta que também havia competido nas Olimpíadas de 1928 e que, naquele momento, era o comandante do local. Petschauer foi então submetido a humilhações e a condições extremas no frio intenso do inverno. Em decorrência dessas imposições, faleceu pouco depois. Sua trajetória inspirou, em parte, o personagem Adam Sors, vivido por Ralph Fiennes no filme "Sunshine: o Despertar de um Século", de 1999, do premiado diretor húngaro István Szabó.



EQUIPE NEERLANDESA DE GINÁSTICA

A participação feminina na ginástica artística olímpica teve início nos Jogos de Amsterdã, em 1928, um marco para a inserção das mulheres no cenário esportivo internacional. Naquela edição, a equipe dos Países Baixos conquistou a medalha de ouro na competição por equipes, disputada em um formato que reunia diferentes exercícios e aparelhos.

Entretanto, o destino de parte dessas ginastas seria profundamente marcado pelos acontecimentos da década seguinte. Entre as integrantes da equipe holandesa, havia cinco atletas judias: Anna Polak, Elka de Levie, Estella Agsteribbe, Helena Nordheim e Judik Simons. O treinador, Gerrit Kleerekoper, também era judeu.

Logo após ocuparem os Países Baixos, os nazistas proibiram, a partir de 1941, que judeus praticassem qualquer atividade esportiva e fecharam seus clubes de treinamento. Com o início das deportações, em 1942, quatro das atletas judias foram deportadas juntamente com o técnico da equipe e mortas em campos de extermínio.

Estella foi presa junto com o marido, Shmuel Blits, a filha de seis anos, Nanny, e o filho de dois, Alfred. Mais tarde, foram enviados ao campo de

trânsito de Westerbork, antes de serem deportados para Auschwitz, onde foram assassinados. Anna, casada com Barend Dresden e mãe de Eva, uma menina de seis anos, também foi enviada para Westerbork. De lá, foi transferida para o campo de extermínio de Sobibor, onde foi assassinada.

Em 1943, Judik, o marido, Bernard Themans, a filha Sonja, de cinco anos, e o filho Leon, de três, foram deportados. A família administrava um orfanato para crianças judias e se recusou a abandonar os órfãos, permanecendo no local. Após passarem por Westerbork, foram enviados para Sobibor, onde todos foram assassinados, assim como os demais funcionários do orfanato e trinta crianças.

Helena era casada com Abraham Kloot e mãe de Rebecca, de dez anos. Em 1943, foram deportados para Sobibor, onde foram assassinados. No mesmo trem de deportação estavam o técnico Gerrit, sua esposa, Kaatje, e a filha de 14 anos, Elizabeth, que também foram assassinados em Sobibor. O filho mais velho de Gerrit, Leendert, foi morto em Auschwitz. Elka conseguiu se esconder e foi a única a sobreviver. Faleceu em 1979.



A LIGA TEREZIN

O gueto de Theresienstadt (Terezin), na atual República Tcheca, desempenhou um papel importante no sistema nazista. Peça de propaganda do regime, o local abrigou uma intensa vida cultural e esportiva que mascarava a tragédia do Holocausto. Entre 1942 e 1944, surgiu ali a Liga Terezin, que representou uma das diversas formas de resistência judaica, mas também de manipulação política durante a Segunda Guerra Mundial.

A Liga Terezin de Futebol contava com 12 times, organizados conforme o local de trabalho dos prisioneiros dentro do gueto. Também foi realizado um torneio, conhecido como Copa Terezin, que reuniu 27 equipes.

Para os prisioneiros, o futebol era uma ferramenta de manutenção da dignidade. As partidas, disputadas no pátio de um quartel, ofereciam um senso de normalidade e comunidade em um ambiente de extrema privação. Jogadores e torcedores utilizavam o esporte como um refúgio da realidade. Durante os jogos, não eram mais prisioneiros, mas jogadores e espectadores.

Para alguns deles, como Pavel Mahrer — jogador de futebol que participou dos Jogos Olímpicos de 1924 pela seleção da Tchecoslováquia —, participar das partidas da Liga era uma oportunidade de conseguir uma ração um pouco maior de comida.

Em 1944, durante a famosa visita da Cruz Vermelha a Terezin, o governo nazista utilizou o futebol, entre outros recursos, para simular um ambiente de normalidade e mostrar como os judeus estavam "felizes". O ponto alto dessa encenação foi a produção do filme de propaganda *O Führer dá uma cidade aos judeus*. Nele, partidas da Liga foram filmadas para projetar uma imagem de lazer e bem-estar. Contudo, logo após as filmagens, a maior parte dos atletas e do público foi deportada para o complexo de concentração e extermínio de Auschwitz, onde muitos foram assassinados. Pavel Mahrer foi um dos sobreviventes. Faleceu em 1985, nos Estados Unidos.



AGNES KELETI

Nascida em 9 de janeiro de 1921, em Budapeste, na Hungria, Agnes Keleti começou a praticar ginástica aos quatro anos, em um clube judaico da cidade. Aos dezesseis anos, já era campeã nacional. Ela era uma das grandes esperanças de medalhas para a Hungria nos Jogos Olímpicos de 1940, que foram cancelados devido à Segunda Guerra Mundial.

Quando a Hungria foi ocupada pelos nazistas, a jovem precisou interromper seus treinamentos para sobreviver. Com documentos falsos de uma garota cristã, trabalhou em diferentes empregos, como vendedora de peles, empregada doméstica e operária em uma fábrica de munições. Mas a função mais difícil que exerceu foi recolher, todas as manhãs durante as batalhas em Budapeste, os corpos daqueles que haviam morrido nos conflitos e levá-los às valas comuns para serem enterrados.

A mãe e a irmã de Agnes conseguiram se esconder e foram salvas pelo diplomata sueco Raoul Wallenberg, mais tarde agraciado com o título de Justo entre as Nações. Já seu pai foi enviado para Auschwitz, onde foi assassinado, junto com outros membros da família.

Quando a guerra terminou, Agnes retomou sua carreira como ginasta, tornando-se uma das principais atletas húngaras da década seguinte. Em 1948, integrou a equipe húngara de ginástica, mas, lesionada, não pôde competir. Finalmente, nos Jogos Olímpicos de 1952, conquistou uma medalha de ouro, uma de prata e duas de bronze. Seu maior feito, porém, viria nas Olimpíadas de Melbourne, em 1956, quando conquistou seis medalhas, quatro delas de ouro. Aos 35 anos, tornou-se a ginasta mais velha a conquistar uma medalha de ouro olímpica.

Após o fim da competição, diante da invasão soviética da Hungria, a atleta optou por permanecer na Austrália, onde sua irmã morava. No ano seguinte, mudou-se com a mãe e a irmã para Israel, convidada a participar das Macabíadas, evento que reúne esportistas judeus de todo o mundo. Lá, tornou-se professora e treinadora da seleção israelense de ginástica. Incluída no Hall da Fama Internacional da Ginástica em 2002, Agnes Keleti faleceu em 2025, na Hungria, aos 103 anos.





RALPH METCALFE

Ralph Metcalfe nasceu em 1910, em Atlanta, nos Estados Unidos, mas foi em Chicago que se tornou um dos principais velocistas dos anos 1930. Ao longo de sua carreira, estabeleceu recordes e venceu inúmeras competições, ficando conhecido como “o homem mais rápido do mundo”. Participou de duas edições dos Jogos Olímpicos: Los Angeles, em 1932, e Berlim, em 1936. Vivendo em meio à segregação racial, lidou desde cedo com a discriminação e o preconceito. “Como negro, eu teria que abrir uma grande vantagem sobre meu concorrente mais próximo. Forcei-me a treinar mais para poder alcançá-la”, disse.

Mesmo conquistando medalhas de prata e bronze nos Jogos Olímpicos de 1932, foi sua participação em 1936, em Berlim, que marcou sua carreira. Naquela edição, conquistou a medalha de prata nos 100 metros rasos, ficando atrás do compatriota Jesse Owens, e o ouro no revezamento 4x100 metros. Foi um dos 18 atletas afro-americanos que participaram das Olimpíadas de 1936, dez deles na equipe de atletismo, e que, juntos, conquistaram 14 medalhas na competição.

Após seu retorno aos Estados Unidos, Metcalfe aposentou-se das competições e, em um país onde a segregação racial ainda perduraria legalmente por mais três décadas, tornou-se professor universitário e treinador. Mais tarde, depois de servir no exército durante a Segunda Guerra Mundial, ingressou na carreira política. Como vereador e congressista, tornou-se um importante nome da comunidade negra. Em 1975, foi incluído no Hall da Fama do Atletismo dos Estados Unidos. Faleceu em 1978, deixando sua marca na história do esporte, da política e da luta contra o racismo.

NORA RÓNAI

Nora Rónai (nascida Tausz) teve a vida marcada por deslocamentos, perdas e reconstruções. Nascida em 1924, na cidade de Fiume, na Itália (atual Rijeka, na Croácia), em uma família judia, desde cedo teve contato com o esporte, influenciada pelos pais. Seu pai era remador e esgrimista, enquanto a mãe praticava tênis.

Aos quatorze anos, com a promulgação das leis raciais na Itália fascista, Nora foi expulsa da escola. Seu pai foi sequestrado pelos nazistas e enviado a um campo de concentração. Ele só foi liberado graças à intervenção da mãe de Nora junto a um antigo colega de escola do pai, que naquele momento ocupava um cargo de ministro de Mussolini.

Diante desse contexto, em 1941, Nora e sua família fugiram da Europa e emigraram para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro praticamente sem recursos. No novo país, precisaram reconstruir a vida e trabalhar em diferentes atividades para sobreviver. Nora sonhava em seguir carreira na música, mas acabou abandonando esse desejo para trabalhar como vendedora de cosméticos de porta em porta. Mais tarde, graças ao talento para o desenho, conseguiu uma vaga em um escritório de arquitetura. Consolidou sua carreira, tornando-se arquiteta e, posteriormente, professora universitária.

No Brasil, Nora conheceu o intelectual húngaro Paulo Rónai, também imigrante, e passou a ilustrar seus livros. Os dois se casaram e tiveram duas filhas. Após a morte do marido, iniciou uma nova fase de sua vida, dedicando-se à natação, esporte que sempre amou e nunca deixou de praticar. Passou então a competir, ingressando na categoria master nos anos 1990.

O esporte tornou-se fundamental para sua recuperação emocional, ajudando-a a lidar com o luto. Com o tempo, destacou-se internacionalmente, acumulando medalhas e recordes mundiais, mesmo em idade avançada. Aos 102 anos, Nora Rónai é um exemplo de quem enfrentou traumas e adversidades da vida, encontrando no esporte uma forma de continuar a viver.





Os JOGOS OLÍMPICOS DE 1936

NO ACERVO DO MUSEU DO HOLOCAUSTO





ENVELOPE DE COLECIONADOR COM FOTO DE JESSE OWENS, 1936

9 cm x 16,4 cm

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

Este é um envelope comemorativo que servia como uma espécie de souvenir dos Jogos Olímpicos. O carimbo no canto superior direito e a etiqueta no canto inferior direito fazem referência à Vila Olímpica. A imagem no lado esquerdo retrata o velocista norte-americano Jesse Owens. Trata-se de um item colecionável, mas que também poderia ser usado para o envio de correspondências.



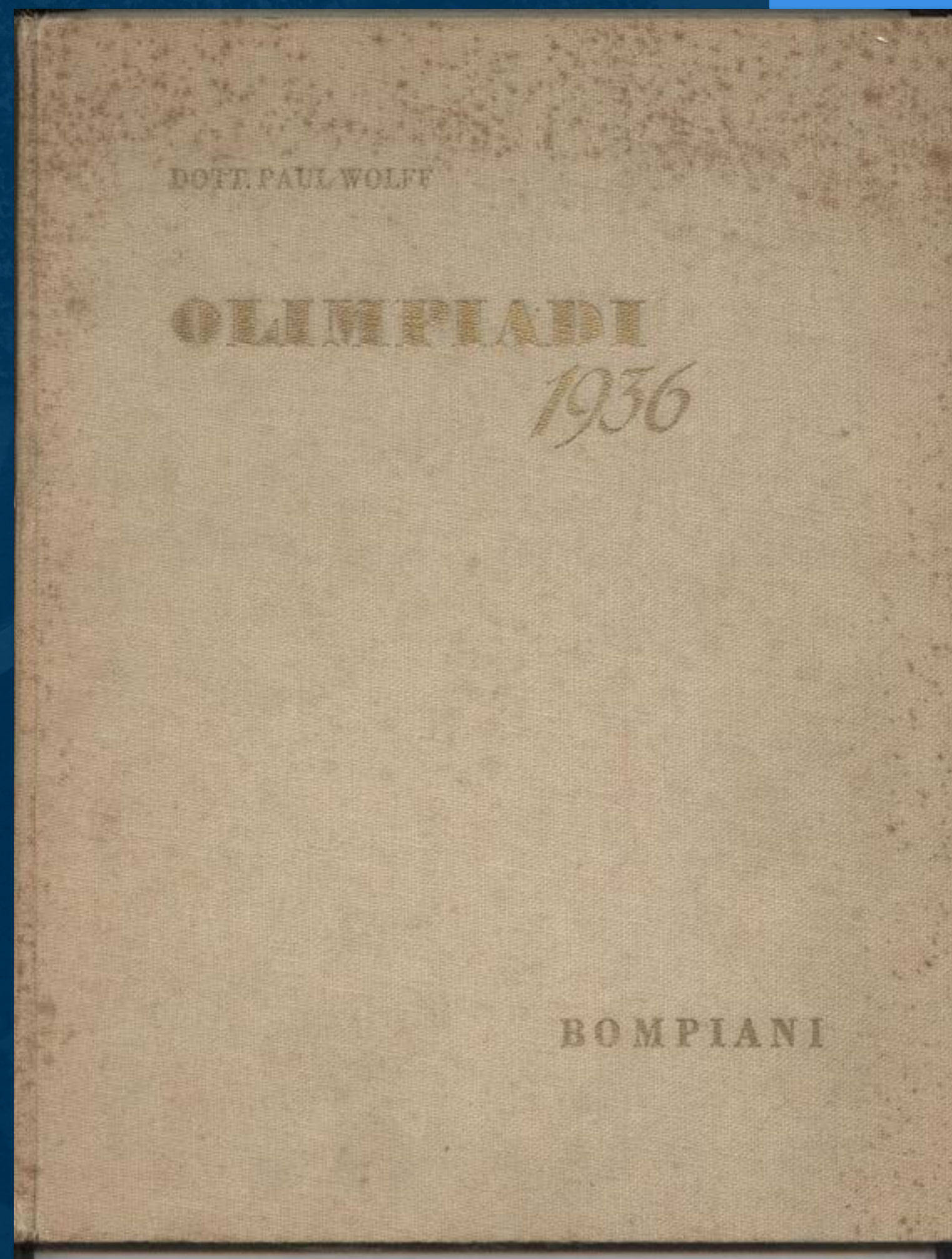
37

LIVRETO DE PROPAGANDA DAS OLIMPIADAS DE BERLIM, 1936

15,3 cm x 11,3 cm

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

Este é um livreto do programa de equitação (hipismo) das Olimpíadas de 1936. Ele faz parte de uma coleção chamada Olympia-heft (Livreto Olímpico), composta por 26 volumes, cada um dedicado a uma modalidade esportiva. Produzido pela Verlag Braun & Co. Berlin Erscheinungsjahr, o livreto possui 32 páginas com textos e imagens. Além dos dias e horários das provas, das fichas dos principais atletas e dos espaços de competição, o material descreve técnicas de salto e equitação.



38 A

LIVRO "OLIMPIADI 1936", PAUL WOLFF, 1936

27,8 cm x 22 cm.

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

Olimpiadi 1936 é um livro de fotografias dos Jogos Olímpicos publicado na Itália pela editora Bompiani. As imagens foram produzidas pelo prestigiado fotógrafo alemão Paul Wolff. O livro não é exatamente uma peça de propaganda explícita, mas apresenta a grandiosidade do evento sem qualquer elemento de crítica. O próprio Wolff foi um exemplo dessa postura de acomodação ao regime nazista: sem um apoio entusiástico, mas também sem qualquer traço de resistência. Publicado por uma grande editora comercial, o livro demonstra a percepção de grande parte do público diante das Olimpíadas de Berlim, marcada pela admiração e exuberância do evento, como se fosse possível separá-lo dos crimes cometidos pelo regime que o organizava. Contribuindo, assim, com a "normalização" do nazismo.



38 B



38 C



SELO DOS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO DE GARMISCH-PARTENKIRCHEN, 1936

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

Este selo faz referência aos Jogos Olímpicos de Inverno, também realizados na Alemanha em 1936, mas no início daquele ano, em Garmisch-Partenkirchen. Na época, os Jogos de Inverno e de Verão eram realizados no mesmo país e ano. Emitido ainda no ano anterior, o selo fazia parte do esforço de propaganda do regime nazista, que buscava apresentar uma Alemanha grandiosa, organizada e voltada para o progresso. A imagem mostra um saltador de esqui, uma das principais provas dos Jogos Olímpicos de Inverno. O selo custava 18 centavos: 12 correspondentes ao valor normal e 6 adicionais destinados a um fundo específico relacionado ao esporte alemão.



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS EDUCAÇÃO INFANTIL

A atividade a seguir é uma sugestão do Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba. Ela pode e deve ser adaptada às particularidades de cada contexto escolar.

OBJETIVO GERAL:

Promover o desenvolvimento de valores socioemocionais nas crianças, estimulando a compreensão e a vivência dos conceitos de liderança, coragem e heroísmo por meio de histórias, diálogo e produção de atividade final.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender os conceitos de liderança, coragem e heroísmo a partir da interpretação de imagens, histórias e discussões em grupo;
- Incentivar a expressão oral e a escuta ativa, permitindo que as crianças compartilhem experiências relacionadas a esses valores no cotidiano;
- Estimular a criatividade e a empatia por meio de atividades práticas (desenho, modelagem, colagem e homenagem aos colegas), valorizando atitudes positivas entre as crianças.

RODA DE CONVERSA:

- A partir das histórias de Alfred e Gustav Flatow, Béla Guttmann e Lilli Henoch, crie versões adequadas à faixa etária das crianças;
- Apresente as imagens **(ANEXO 1)** e questione o que elas representam;
- A partir das imagens, apresente os conceitos de liderança, coragem e heroísmo;
- Peça que as crianças relatem situações em que esses conceitos tenham sido vivenciados;
- Mostre as fotos dos personagens **(ANEXO 2)** e questione quais relações suas histórias podem ter com esses conceitos;
- Pergunte qual das histórias elas gostariam de ouvir primeiro;
- Após ouvir as histórias, pergunte quais são as principais qualidades que essas pessoas têm em comum.

ATIVIDADE:

- A partir das discussões realizadas, peça às crianças que criem situações que representem os conceitos trabalhados, utilizando desenhos, modelagem com massinha ou colagens;
- Distribua medalhas de cartolina e peça que cada criança escolha um amigo para homenagear. A medalha deverá ser decorada pensando nas qualidades dessa pessoa e, no momento da entrega, a criança deverá compartilhar com o restante da turma.

OBSERVAÇÕES:

- O professor deve se certificar de que todas as crianças recebam uma medalha;
- Os materiais utilizados ficam a critério do professor, considerando a disponibilidade da escola;
- Caso haja estudantes com demandas específicas de aprendizagem, sugerimos incluir, na contação de histórias, imagens ampliadas, cartões com pictogramas, objetos concretos relacionados às histórias e ilustrações por meio de múltiplas mídias.

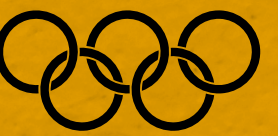




PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

ENSINO FUNDAMENTAL I

As atividades a seguir são sugestões do Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba. Elas podem e devem ser adaptadas às particularidades de cada contexto escolar.



OBJETIVO GERAL:

Compreender e analisar situações de injustiça no esporte ao longo da história, refletindo sobre preconceito, exclusão e igualdade de direitos a partir das trajetórias de Helene Mayer e Margaret (Gretel) Bergmann-Lambert.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar, a partir das biografias estudadas, os fatores históricos e sociais que levaram à exclusão de atletas em competições esportivas;
- Desenvolver o pensamento crítico ao relacionar casos históricos de injustiça com situações contemporâneas, especialmente no contexto do esporte feminino;
- Produzir registros (manchetes, pesquisas e apresentações) que expressem a compreensão dos estudantes sobre desigualdade, preconceito e luta por direitos no esporte.

RODA DE CONVERSA:

- Crie, a partir das histórias de Helene Mayer e Margaret (Gretel) Bergmann-Lambert, adaptações conforme a faixa etária dos estudantes. Apresente as histórias, bem como suas imagens **(ANEXO 3)**;
 - Questione os motivos que levaram as atletas a serem proibidas de participar de competições, criando uma tabela comparativa com informações das biografias apresentadas;
 - Em seguida, pergunte o que significa injustiça, solicitando que tragam exemplos de situações vivenciadas ou observadas por elas;
 - Questione se situações de injustiça no esporte continuaram acontecendo depois das histórias de Helene e Margaret. Elas conseguem dar exemplos?
 - Apresente o vídeo: “Os argumentos usados para proibir o futebol feminino no Brasil e no exterior”, BBC NEWS. **Acesse aqui.**
- A partir do vídeo, questione: por que foi injusto que as mulheres fossem proibidas de jogar futebol? Será que essa “antiga proibição” afeta o futebol feminino até hoje? Como?

SUGESTÕES DE MATERIAIS:

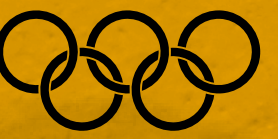
- Dia da proibição do futebol feminino. Museu do Futebol. **Acesse aqui.**
- Atletas do futebol feminino lutam contra o preconceito e a falta de oportunidades no esporte. Profissão Repórter. **Acesse aqui.**

ATIVIDADE:

- Peça para que pesquisem biografias das jogadoras da atual seleção brasileira de futebol feminino, buscando conhecer suas trajetórias de vida e os desafios que enfrentam enquanto atletas;
- Com o resultado da pesquisa, solicite a criação de manchetes de jornal a partir dos fatos que mais chamaram a atenção nas histórias pesquisadas;
- Como forma de valorizar a pesquisa, realize uma exposição em formato de painel com o que foi produzido. O título da exposição deverá ser escolhido pelos estudantes;
- Para finalizar, crie um espaço de apresentações orais para as outras turmas da escola.

Página com link clicável

ETAPA DE ENSINO:
ENSINO FUNDAMENTAL I



OBJETIVO GERAL:

Compreender o conceito de migração por meio da história de Nora Rónai, reconhecendo suas causas, consequências e relações com experiências familiares, desenvolvendo empatia, escuta e valorização das diferentes trajetórias de vida.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Reconhecer, a partir da história apresentada, o conceito de migração, suas motivações (como conflitos, busca por melhores condições de vida, entre outros) e perceber que ela pode ocorrer tanto entre países quanto dentro de um mesmo país;
- Investigar, por meio de entrevistas familiares, histórias de deslocamento, identificando origens, destinos, motivos e elementos simbólicos (como objetos e memórias), promovendo a conexão entre o conteúdo escolar e as vivências pessoais;
- Refletir sobre os desafios e as consequências enfrentados por pessoas que migram, expressando atitudes de acolhimento e respeito por meio de produções orais, escritas e da participação em atividades coletivas, como a roda de conversa e a exposição final.

RODA DE CONVERSA:

- Adapte a história de Nora Rónai conforme a faixa etária dos estudantes;
- Apresente imagens de Nora jovem e na atualidade **(ANEXO 3)**;
- Questione o que compreendem da história e onde encontram, nela, os temas da migração e da determinação;
- Questione: o que significa migrar? Será que a migração ocorre apenas entre países? Nora saiu de seu país por vontade própria? O que a levou a sair? Vocês conhecem outras histórias de deslocamento como a de Nora?

SUGESTÃO:

Ao apresentar a história de Nora, utilize como recursos mapas e linhas do tempo.

ATIVIDADE:

- Como tarefa de casa, os estudantes devem entrevistar membros da família para verificar se algum familiar passou por uma experiência semelhante. A entrevista pode ser acompanhada de um roteiro visual, por exemplo: quem migrou? De onde? Para onde? Por quê? O que trouxe consigo?
- Além disso, pergunte ao familiar se há algum objeto em casa que represente essa mudança (algo que tenha sido trazido de outro lugar ou que represente esse espaço);
- Com as informações trazidas de casa, realize uma roda de conversa que permita a troca de histórias e informações, buscando analisar o que essas narrativas têm em comum;
- Aproveite para discutir quais podem ser as consequências para alguém que migra.

Produção Final:

- Solicite que escrevam, em um pedaço de papel, uma palavra ou frase de acolhimento para alguém que precise migrar. Essas mensagens deverão ser colocadas em uma mala;
- Organize uma exposição com os objetos (podem ser fotos) trazidos pelos estudantes para a roda de conversa, acompanhada das narrativas sobre os processos migratórios de cada família;
- A mala contendo as mensagens deverá compor a exposição. Ela funcionará como um elemento interativo, no qual cada visitante poderá deixar sua mensagem para um migrante.

ETAPA DE ENSINO:
ENSINO FUNDAMENTAL I



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS ENSINO FUNDAMENTAL II

As atividades a seguir são sugestões do Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba. Elas podem e devem ser adaptadas às particularidades de cada contexto escolar.

OBJETIVO GERAL:

- Investigar o fenômeno da migração em diferentes contextos e tempos históricos, articulando a trajetória de Nora Rónai com experiências contemporâneas, a fim de compreender seus impactos sociais e desenvolver atitudes de acolhimento, respeito e responsabilidade cidadã.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Investigar os conceitos de migração, imigração e refúgio, identificando suas causas (políticas, econômicas, sociais e ambientais) e analisando como esses processos aparecem na história de Nora e nas trajetórias de atletas contemporâneos;
- Pesquisar e sistematizar informações sobre instituições de apoio a imigrantes e refugiados, compreendendo seu papel na sociedade, os serviços oferecidos e sua importância para a garantia de direitos e acolhimento;
- Elaborar uma carta destinada a imigrantes, articulando conhecimentos sobre o contexto local, os serviços disponíveis e os aspectos culturais, utilizando uma linguagem adequada, acolhedora e informativa.

RODA DE CONVERSA:

- Adapte a história de Nora Rónai conforme a faixa etária dos estudantes;
- Apresente imagens de Nora jovem e na atualidade **(ANEXO 3)**;
- Questione o que compreendem da história e onde encontram, nela, os temas da migração e da determinação;
- Questione: o que significa alguém migrar? Será que a migração ocorre apenas entre países? Nora saiu de seu país por vontade própria? O que a levou a sair? Vocês conhecem outras histórias de deslocamento como a de Nora?

ATIVIDADE:

Etapa 1:

- Divida a turma em grupos. Solicite que pesquisem histórias de algum atleta da atualidade que precisou migrar, destacando sua trajetória de vida e os aspectos que marcaram esse processo;
- Em grupos, os estudantes deverão pesquisar instituições, organizações ou projetos em sua região que ofereçam apoio a imigrantes e refugiados.

Durante a pesquisa, é importante identificar:

- Nome da instituição;
- Tipo de ajuda oferecida (jurídica, social, alimentação, moradia, aulas de idioma etc.);
- Público atendido;
- Como acessar esse apoio.

Com os resultados, os grupos irão compartilhar com a turma os dados da pesquisa por meio de vídeos, murais, cartazes, infográficos ou mapas conceituais, destacando os principais serviços encontrados e a importância dessas instituições.

Etapa 2: Produção de texto (Carta):

Individualmente, cada estudante deverá escrever uma carta destinada a uma pessoa que está chegando à sua cidade como imigrante. Na carta, o estudante deverá:

- Apresentar a cidade (características gerais, cultura, clima e costumes);
- Explicar o que essa pessoa pode esperar ao chegar;
- Dar orientações importantes (transporte, língua, trabalho e convivência);
- Indicar onde e como buscar ajuda, com base nas instituições pesquisadas;
- Utilizar uma linguagem acolhedora, respeitosa e empática.

Produção Final:

Carta escrita à mão ou digitada, que poderá ser compartilhada com a turma, exposta na escola ou enviada às instituições pesquisadas.



OBJETIVO GERAL:

Compreender o conceito de resistência em diferentes contextos históricos, analisando como ele se manifesta nas trajetórias de indivíduos e nas produções artísticas, especialmente no contexto das perseguições durante o Holocausto e na atualidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Interpretar o poema “Resistiu”, identificando diferentes formas de resistência e seus significados em contextos de opressão e violência;
- Analisar as trajetórias de Béla Guttman, Lillian Copeland, Werner Seelenbinder, Eric Seelig, Johann Trollmann e Lilli Henoch, reconhecendo como a resistência se manifestou em suas experiências de vida;
- Investigar e apresentar manifestações artísticas como formas de resistência ao longo da história, relacionando contexto, intenção e mensagem das obras pesquisadas.

RODA DE CONVERSA:

Apresente o poema “Resistiu”.

*Resistiu quem se dedicou ao contrabando de pão.
Resistiu quem educou em segredo.
Resistiu quem escreveu e distribuiu uma revista clandestina que alertou.
Resistiu quem escondeu um Sefer Torá.
Resistiu quem falsificou documentos “arianos” e com isso outorgou a vida.
Resistiu quem ajudou os perseguidos a fugir de país em país.
Resistiu quem escreveu o acontecimento e o enterrou na terra.
Resistiu quem ajudou a quem precisava mais que a si mesmo.
Resistiu quem se levantou frente a seus assassinos com mãos vazias.
Resistiu quem passou ordens, mensagens e armas.
Resistiu quem sobreviveu.
Resistiu quem lutou nas ruas, nas montanhas e nos bosques.
Resistiu quem se levantou nos campos de extermínio.
Resistiu quem se sublevou nos Guetos, entre muros destruídos, na sublevação mais desesperada que conheceu o homem em sua vida.
(Adaptado de Haim Guri).*

DISCUSSÕES:

- O que significa resistir e em quais contextos ocorre a resistência?
- O que essas diferentes formas de resistência têm em comum?
- Existe apenas uma forma de resistir?



ETAPA DE ENSINO: ENSINO FUNDAMENTAL II

ATIVIDADE:

Etapa 1:

Separe a turma em grupos. Cada grupo deverá realizar uma leitura coletiva das histórias de Béla Guttmann, Lillian Copeland, Werner Seelenbinder, Eric Seelig, Johann Trollmann e Lilli Henoch (imagens no **ANEXO 4**). A partir das leituras, os grupos deverão apresentar como a resistência se manifestou nessas trajetórias de vida.

Etapa 2:

Pesquise atos de resistência representados em obras literárias, teatrais e artísticas (como pinturas, esculturas, filmes e musicais) ao longo da história.

A pesquisa deve incluir:

- A trajetória do(a) artista ou autor(a);
- O contexto histórico em que a obra foi produzida;
- O que motivou a criação da obra;
- De que forma a obra expressa resistência;
- Quais mensagens ou reflexões a obra transmite.

No fim, os estudantes deverão preparar uma apresentação (oral, cartaz, slides ou outro formato combinado com o professor), mostrando como a arte pode ser uma forma de resistência.





PROPOSTAS PEDAGÓGICAS ENSINO MÉDIO

A atividade a seguir é uma sugestão do Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba. Ela pode e deve ser adaptada às particularidades de cada contexto escolar.

ETAPA DE ENSINO: ENSINO MÉDIO

OBJETIVO GERAL:

Analisar criticamente as relações entre esporte, política e preconceito a partir das trajetórias de atletas como Jesse Owens, Johann Trollmann e Margaret (Gretel) Bergmann-Lambert, compreendendo como contextos históricos de discriminação impactaram suas vidas e refletindo sobre a permanência dessas desigualdades na atualidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar as trajetórias dos atletas estudados, compreendendo as formas de perseguição sofridas (raciais, étnicas, políticas e religiosas), bem como suas motivações em determinados contextos históricos;
- Refletir sobre o papel do esporte como espaço social e político, problematizando a ideia de neutralidade esportiva e discutindo como práticas discriminatórias ainda se manifestam na contemporaneidade;
- Elaborar slogans e materiais de divulgação (visuais, audiovisuais ou digitais) que promovam o combate ao preconceito no esporte, articulando pesquisa, argumentação e linguagem criativa para sensibilizar diferentes públicos.

ATIVIDADE:

Com as histórias de Gottfried von Cramm, Jesse Owens, Margaret (Gretel) Bergmann-Lambert, Marty Glickman e Sam Stoller, Eric Seelig, Johann Trollmann, Attila Petschauer e Ralph Metcalfe (imagens no **ANEXO 5**):

- Separe a turma em grupos e peça que cada um escolha uma história ou tema para aprofundar. Com as histórias escolhidas, os grupos deverão pesquisar a trajetória de vida de cada atleta, destacando como era sua vida antes, durante e depois da perseguição sofrida.
- A pesquisa também deve se aproximar das motivações por trás da perseguição sofrida e explicar os diferentes tipos de preconceito presentes em cada história. Os estudantes deverão investigar ainda a origem da modalidade esportiva que aparece na história escolhida, destacando os marcadores sociais e raciais de quem atualmente pratica esses esportes. É importante refletir: será que esse esporte é para todos?

SUGESTÃO:

Além do que foi proposto, pode-se sugerir que os grupos realizem entrevistas com atletas da modalidade escolhida, gravadas em vídeo, destacando discriminações enfrentadas ao longo de suas trajetórias profissionais. O resultado poderá ser compartilhado com a comunidade escolar na exposição (etapa descrita abaixo).

Em uma discussão com a turma, questione:

- O esporte é um espaço neutro? Por quê?
- Como o esporte pode ser utilizado politicamente e quais implicações podem ser impostas aos sujeitos nesses casos?
- O que foi negado a essas pessoas?
- Por que esse atleta foi silenciado ou usado como ferramenta política?
- Hoje, quem ainda precisa provar que merece estar no esporte?
- Quais corpos ainda são questionados?
- O preconceito hoje é mais visível ou mais disfarçado?



PRODUÇÃO FINAL:

- A partir das discussões, proponha que cada grupo produza um slogan considerando os resultados obtidos na pesquisa, com o objetivo de chamar a atenção do público para o combate ao preconceito na modalidade esportiva pesquisada;
- Após criar o slogan, os grupos deverão escolher uma forma de divulgação. Eles podem optar por camisetas personalizadas que representem a modalidade, campanhas digitais nas redes sociais, podcast temático, produção de vídeos (curtas, depoimentos ou campanhas), exposição fotográfica ou zine (revista artesanal).

Por fim, pode-se organizar uma exposição coletiva, na qual cada grupo apresentará:

- Os uniformes ou materiais produzidos;
- Os resultados da pesquisa inicial;
- Os slogans criados;
- Os vídeos ou outras mídias desenvolvidas, quando houver.

O objetivo da exposição é compartilhar com a comunidade escolar as reflexões e propostas desenvolvidas, promovendo o respeito e o combate ao preconceito no esporte.

SUGESTÃO FINAL:

Proponha um momento de autoavaliação com os estudantes a partir dos seguintes questionamentos:

- O que aprendemos?
- O que ainda precisamos pesquisar?
- O que mudou em nossa compreensão?





LEGENDAS

1 – Jesse Owens vence a sua quarta medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Berlim.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936.
© AP Photo/File

2 – Membros de um clube esportivo judaico antes de importante competição esportiva alemã.

Colônia, Alemanha, 2 de setembro de 1934.
United States Holocaust Memorial Museum Photo Archive.

3 – O alemão Fritz Schilgen rumo ao acendimento da pira dos Jogos Olímpicos em Berlim.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936.
Domínio Público.

4 – Membros de clubes esportivos judaicos competindo em uma corrida.

Tchecoslováquia, década de 1930.
Museu de Esportes Maccabi Pierre Gildesgame, Israel.
Cortesia The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe.

5 – Jogadores do time de futebol do Maccabi (camisas escuras) em partida contra o Yiddisher Akademisher Sport Klub, no campo do Maccabi.

Vilna, Lituânia, década de 1930.
The Ghetto Fighters' Museum, Israel.

6 – Alfred e Gustav Flatow. s.d.

Yad Vashem Photo and Film Archives.

7 – Béla Guttmann com a camisa do Hakoah Wien.

Viena, 1925.
Spiegel Online, Editora Berenberg.

8 – Lilli Henoch vencendo uma corrida em competição preliminar.

Alemanha, década de 1920.
© Arquivo Privado Martin-Heinz Ehlert.

9 – Jovens da Juventude Hitlerista realizando exercícios de ginástica ao ar livre, incluindo uma pirâmide humana sobre um cavalo com alças.

Alemanha, década de 1930.
DW / Coleção judaica Sammlung Richter.

10 – Jovens treinando boxe num dos Institutos Nacionais de Educação Política (NAPOLAs), internatos de elite projetados para treinar os futuros líderes militares e políticos do Terceiro Reich. Essas escolas funcionavam de forma mais intensa e segregada do que a Juventude Hitlerista.

Alemanha, 1937.
The Wiener Holocaust Library Collections.

11 – O último dos três mil corredores que carregaram a tocha olímpica da Grécia acende a chama olímpica, dando início aos Jogos Olímpicos de Verão de 1936.

Berlim, Alemanha, 1º de agosto de 1936.
United States Holocaust Memorial Museum Photo Archive.

12 – Público faz a saudação nazista na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim.

Berlim, Alemanha, 1936.
NSchirner Sportfoto/Getty Images.

13 – Gottfried von Cramm na quadra central de Wimbledon.

Londres, Inglaterra, 1935.
Bob Thomas/Popperfoto/Getty Images.

14 – Atleta Jesse Owens, dos Estados Unidos, correndo os 200 metros rasos durante as Olimpíadas de Berlim.

Berlim, Alemanha, 1936.
Library of Congress, Estados Unidos.

15 – Helene Mayer posa com seu traje de esgrima, segurando sua máscara e espada.

Los Angeles, Estados Unidos, 1936.
UCLA Library Digital Collections.

16 – Cena de rua mostrando a exibição das bandeiras olímpicas e alemã, com a suástica.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936.
DIZ Muenchen GMBH, Sueddeutscher Verlag Bilderdienst.

17 – Oficiais alemães exibem a maquete da Vila Olímpica para demonstrar a grandiosidade do projeto.

Berlim, Alemanha, julho 1936.
United States Holocaust Memorial Museum Photo Archive.

18 – Margaret (Gretel) Bergmann-Lambert saltando sobre a barra do salto em altura.

Alemanha, 1937.
Bettmann Archive.

19 – Página do jornal "A Noite" sobre as Olimpíadas de Berlim, que seriam abertas em menos de três meses.

22 de abril de 1936.
Jornal A Noite / Hemeroteca Digital.

20 – Propaganda do filme "Olympia", em exibição nos cinemas brasileiros.

18 de dezembro de 1938.
Jornal Diário de Notícias / Hemeroteca Digital.

21 – Marty Glickman (à esquerda) e Sam Stoller a bordo do navio Manhattan, rumo a Berlim.

Estados Unidos, julho de 1936.
United States Holocaust Memorial Museum Photo Archive.

22 – Pôster criado pelo artista gráfico alemão exilado Fritz Lewy para as Olimpíadas Populares de Barcelona de 1936.

Barcelona, Espanha, 1936.
Arte oficial.



LEGENDAS

23 – Um pedestre lê um aviso anunciando uma reunião pública que acontecerá em 3 de dezembro para instar os Estados Unidos a boicotarem as Olimpíadas de Berlim.

Nova York, Estados Unidos, 1935.
National Archives and Records Administration, College Park, MD.

24 – Atleta Lillian Copeland.

Newark, Estados Unidos, 7 de julho de 1938.
Keystone-France / Domínio Público.

25 – Multicampeão alemão dos meio-pesados, Werner Seelenbinder.

Alemanha, década de 1930.
DPA / Schirner Sportfoto.

26 – Após chegar aos Estados Unidos, Seelig lutou boxe em protesto contra os acontecimentos na Alemanha, usando a Estrela de David bordada em seu calção. Anos depois, ele passou a praticar o Judaísmo ativamente.

Estados Unidos, década de 1930.
TeBe Geschichten/Sammlung Buschbom.

27 – Johann Trollmann como campeão amador do norte da Alemanha no clube "Herus".

Hannover, Alemanha, 1928.
Hans Firzlaff / Manuel Trollmann / Domínio Público.

28 – Os velocistas Tommie Smith e John Carlos, dos Estados Unidos, juntamente com o australiano Peter Norman, durante a cerimônia de premiação da prova dos 200 metros nos Jogos Olímpicos da Cidade do México.

Cidade do México, México, 16 de outubro de 1968.
Angelo Cozzi/ AP.

29 – Len Tau e Jan Mashiani, da tribo Tswana da África do Sul, participantes da Maratona Olímpica de 1904.

Saint Louis, Estados Unidos, 1904.
Jessie Tarbox Beals / Missouri History Museum.

30 – O esgrimista Attila Petschauer.

Hungria, fevereiro de 1927.
Magyar Híradó / Magyar Nemzeti Digitális Archívum (MaNDA).

31 – A equipe feminina de ginástica dos Países Baixos, que ganhou a medalha de ouro na ginástica nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, no estádio olímpico. Cinco das mulheres da equipe eram judias.

Amsterdã, Países Baixos, 8 de agosto de 1928.
Yad Vashem Photo and Film Archives.

32 – Filme de propaganda nazista mostra partida de futebol no gueto de Theresienstadt.

Theresienstadt, Tchecoslováquia, 1944.
Beit Theresienstadt / Der Spiegel.

33 – Agnes Keleti fazendo espacate.

Estados Unidos, 1949.
United States Holocaust Memorial Museum Photo Archive.

34 – Ralph Harold Metcalfe.

Estados Unidos, s.d.
Black Alumni Association's Ralph H. Metcalfe, Marquette University.

35 – Nora Rónai.

Rio de Janeiro, 2017.
Gustavo Miranda / Agência O Globo.

36 – Envelope de colecionador com foto de Jesse Owens, 1936.

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

37 – Livreto de propaganda das Olimpíadas de Berlim, 1936.

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

38 – Livro Olimpiadi 1936, Paul Wolff, 1936.

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

39 – Selo Jogos Olímpicos de Inverno de Garmisch-Partenkirchen, 1936.

Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba.

40 – Cinco jovens participam de uma exibição dos Anéis Olímpicos durante os Jogos.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936.
Popperfoto / Getty Images.

41 – Corredor carrega a tocha olímpica para dentro do Estádio Olímpico para acender a pira.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936.
Encyclopaedia Britannica.

42 – O primeiro revezamento da tocha aconteceu em Berlim, em 1936, sob o regime nazista.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936.
Allsport/Hulton Archive/Getty Images.

43 – Jesse Owens vencendo prova durante as Olimpíadas de Verão de 1936.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936.
Getty Images / Olympics.

44 – Vista do Portão de Brandemburgo em Berlim durante os Jogos Olímpicos de Verão.

Berlim, Alemanha, 1936.
United States Holocaust Memorial Museum Photo Archive.

45 – Joseph Goebbels, Adolf Hitler, o líder esportivo do Reich Hans von Tschammer und Osten e o general Werner von Blomberg observam os Jogos Olímpicos.

Berlim, Alemanha, agosto de 1936. AP.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Fausto; MOSTARO, Filipe. As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas/1896 a Londres/1948 nas páginas do Jornal do Brasil.

Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014.

ASSOCIATED PRESS. **Mistake of 1936 Olympic Games Not Forgotten.** Los Angeles Times, Los Angeles, 29 mar. 1998. Disponível em:

<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1998-mar-29-sp-33987-story.html>. Acesso em: 24 mar. 2026.

ATTILA Petschauer. **International Jewish Sports Hall of Fame and Museum**, [s.d.]. Disponível em: <https://jewishsportshof.org/listings/attila-petschauer/>.

Acesso em: 03 abr. 2026.

BAHRO, Berno. Alfred und Gustav Felix Flatow. **Zwischen Erfolg und Verfolgung**, [s.d.]. Disponível em: <https://juedische-sportstars.de/en/flatow>.

Acesso em: 04 abr. 2026.

BAIRNER, Alan; KELLY, John; LEE, Jung Woo (orgs.). **Routledge Handbook of Sports and Politics**. New York: Routledge, 2017.

BARON Gottfried von Cramm. **International Tennis Hall of Fame**, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.tennisfame.com/hall-of-famers/inductees/baron-gottfried-von-cramm>. Acesso em: 25 mar. 2026.

BÉLA Guttmann. **Holocaust Memorial Day Trust**, [s.d.]. Disponível em: <https://hmd.org.uk/resource/bela-guttmann-hmd-2019/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BIRCHALL, Frederick. OLYMPICS LEAVE GLOW OF PRIDE IN THE REICH; Germans Themselves Seem to Have Taken Some Lessons to Heart and Visitors

Gain a Good Impression. The New York Times. 16 ago. 1936. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/1936/08/16/archives/olympics-leave-glow-of-pride-in-the-reich-germans-themselves-seem.html>. Acesso em: 30 abr. 2026.

BLASCHKE, Ronny. História de futebol e propaganda em Theresienstadt. **Deutsche Welle (DW)**, 2015. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/israelense-resgata-hist%C3%B3ria-de-futebol-e-propaganda-em-theresienstadt/a-18217168>. Acesso em: 26 abr. 2026.

BNDIGITAL. 1936-Berlim. Fundação Biblioteca Nacional. 2016. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/os-jogos-olimpicos-da-era-moderna/1936-berlim/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

BRENNER, Michael; REUVENI, Gideon. (orgs.) **Emancipation through Muscles: Jews and Sports in Europe**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006;

BUTNICK, Stephanie. Margaret Lambert's Lost Olympic Story: German Jewish high jumper barred from the 1936 Games gets her due in Olympic

Channel documentary. **Tablet Magazine**, 2017. Disponível em: <https://www.tabletmag.com/sections/news/articles/margaret-lamberts-lost-olympic-story>.

Acesso em: 08 abr. 2026.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 1936, o ano em que o Olimpismo foi sequestrado pelo totalitarismo. **FuLiA/UFGM**, v. 9, n. 3, p. 55–82, 2024.

DE HAAN, Francisca. Polak, Anna Sophia. **Jewish Women's Archive**, 2009. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/polak-anna-sophia>.

Acesso em: 11 mai. 2026.

DEUTSCHER TURNER-BUND. **Ehrungen und Auszeichnungen**. Frankfurt am Main: Deutscher Turner-Bund, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.dtb.de/deutscher-turner-bund/verband/ehrungen-und-auszeichnungen>. Acesso em: 04 abr. 2026.

DINIZ, Guilherme. Técnico Imortal – Béla Guttmann. **Imortais do Futebol**, 2026. Disponível em:

<https://imortaisdofutebol.com/tecnico-imortal-bela-guttmann/>. Acesso em: 18 mar. 2026.

BIBLIOGRAFIA

ERIC Seelig elected to Atlantic City Boxing Hall of Fame. **Jewish Boxing Blog**, 2024. Disponível em: <https://www.jewishboxingblog.com/2024/01/eric-seelig-elected-to-atlantic-city.html>. Acesso em: 19 abr. 2026.

FEDERSPIEL, Ruth. Lilli Henoch. **Koordinierungsstelle Stolpersteine Berlin**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.stolpersteine-berlin.de/en/treuchtlinger-str/5/lilli-henoch>. Acesso em: 15 mar. 2026.

FERREIRA, Alexandre Maccari. O cinema de propaganda nazista de Leni Riefenstahl: Dokumentarfilm, História e Ética. **Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2019.

FIRMINO, Carolina Bortoleto; VENTUR, Mauro de Souza. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. **Tríade**, v. 5, n. 10, p. 247-260, 2017.

GAVIBI, Fernando. A força negra que rompeu a barreira branca nas Olimpíadas. 07 jun. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-forca-negra-que-rompeu-a-barreira-branca-nas-olimpiadas/>. Acesso em: 01 jun. 2026.

GUNSTON, Jo. Ágnes Keleti, sobrevivente do Holocausto e ginasta mais velha campeã olímpica, morre aos 103 anos. **Olympics**, 2025. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/noticias/agnes-keleti-ginasta-morre>. Acesso em: 13 mai. 2026.

HELENA Nordheim. **Olympics**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.olympics.com/en/athletes/helena-nordheim>. Acesso em: 11 mai. 2026.

HELENE Mayer: Fencing for the Führer. **Britannica**. Chicago: Encyclopaedia Britannica, Inc., [s.d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/1936-Olympic-Games-Fencing-for-the-Fuhrer-1367966>. Acesso em: 17 abr. 2026.

HISTÓRIA Hoje: leis antijudaísmo da Itália. **Radioagência Nacional**, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/internacional/audio/2023-10/historia-hoje-leis-antijudaismo-da-italia>. Acesso em: 16 abr. 2026.

JESSE Owens - The Unstoppable Athlete Who Triumphed over Adversity and Defied the Odds. **Official Website Jesse Owens**, [s.d.]. Disponível em: <https://jesseowens.com/>. Acesso em: 05 abr. 2026.

JESSE Owens. **Britannica**, 2026. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Berlin-1936-Olympic-Games>. Acesso em: 05 abr. 2026.

JEWISH Athletes — Helene Mayer. In: The Nazi Olympics: Berlin 1936. **USHMM**, [s.d.]. Disponível em: https://www.ushmm.org/exhibition/olympics/?content=jewish_athletes_mayer&lang=en. Acesso em: 17 abr. 2026.

JEWS in Sports: Jewish Olympic Medalists (1896 - Present). Jewish Virtual Library. [s.d.] Disponível em: <https://jewishvirtuallibrary.org/jewish-olympic-medalists-1896-present>. Acesso em: 15 jun. 2026.

JOHANN “Rukeli” Trollmann. **Gedenkstätte Deutscher Widerstand**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gdw-berlin.de/en/recess/biographies/index-of-persons/biographie/view-bio/johann-rukeli-trollmann/>. Acesso em: 9 abr. 2026.

JOHANN “Rukeli” Trollmann. **Holocaust Memorial Day Trust**, [s.d.]. Disponível em: <https://hmd.org.uk/resource/johann-rukeli-trollmann/>. Acesso em: 9 abr. 2026.



BIBLIOGRAFIA

JORDAN, Stefan. Seelenbinder, Werner. **Deutsche Biographie**, 2025. Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/gnd118612662.html>. Acesso em: 17 abr. 2026.

KATZ, Brigit. The True Story of the German-Jewish High Jumper Who Was Barred From the Berlin Olympics. **Smithsonian Magazine**, 2017. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/true-story-german-jewish-high-jumper-who-was-barred-berlin-olympics-180967154/>. Acesso em: 8 abr. 2026.

KESSLER, Mario. Only Nazi Games? Berlin 1936: The Olympic Games between Sports and Politics. **Socialism and Democracy**, v. 25, n. 2, p. 125-143, 2011.

KRÜGER, Arnt. "Once the Olympics are through, we'll beat up the Jew" German Jewish Sport 1898-1938 and the Anti-Semitic Discourse. **Journal of Sport History**, v. 26, n. 2, 1999.

LE GRAND, Victor. The incredible story of Baron Gottfried von Cramm, anti-Nazi German tennis player. **We Are Tennis by BNP Paribas**, 2014. Disponível em: <https://wearetennis.bnpparibas/en/news-tennis/news-results/2602-the-incredible-story-of-baron-gottfried-von-cramm-anti-nazi-german-tennis-player>. Acesso em: 25 mar. 2026.

LILLIAN Copeland. **International Jewish Sports Hall of Fame and Museum**, [s.d.]. Disponível em: <https://jewishsportshof.org/listings/lillian-copeland/>. Acesso em: 01 abr. 2026.

MARTY Glickman. **International Jewish Sports Hall of Fame and Museum**, [s.d.]. Disponível em: <https://jewishsportshof.org/listings/marty-glickman/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

MENDONÇA, Renata. A sobrevivente do nazismo que se tornou campeã mundial de natação aos 90 anos. **BBC News Brasil**, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41737802>. Acesso em: 16 abr. 2026.

NAULIN, Michaël. Dr. Paul Wolff: Between Light and Shadows. **Blind Magazine**. 7 fev. 2024. Disponível em: <https://www.blind-magazine.com/news/dr-paul-wolff-between-light-and-shadows/> >. Acesso em: 30 abr. 2026.

NAZARIO, Luiz. O discurso ideológico de Olympia. **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, v. 22, n. 2, p. 137-149, 2012.

OLYMPIC Gold Medalists Murdered in the Holocaust. **Yad Vashem**, 2025. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/sport/dutch-gymnastics-team.asp>. Acesso em: 11 mai. 2026.

PFISTER, Gertrud. Lilli Henoch. **Jewish Women's Archive**, 2009. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/henoch-lilli>. Acesso em: 15 mar. 2026.

PUJADAS, Xavier; SANTACANA, Carles. The popular Olympic Games, Barcelona 1936: Olympians and Antifascists. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 27, n. 2, 1992.

RALPH Metcalfe Biography. **Marquette University Archives**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.marquette.edu/library/archives/cdm/RM/>. Acesso em: 24 abr. 2026.

RALPH Metcalfe. **National Park Service**, 2024. Disponível em: <https://home.nps.gov/people/ralph-metcalfe.htm>. Acesso em: 24 abr. 2026.

SALVO, Victor. Gottfried von Cramm. **The Legacy Project**, [s.d.]. Disponível em: <https://legacyprojectchicago.org/person/gottfried-von-cramm>. Acesso em: 25 mar. 2026.



BIBLIOGRAFIA

SAM Stoller. **International Jewish Sports Hall of Fame and Museum**, [s.d.]. Disponível em: <https://jewishsportshof.org/listings/sam-stoller/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

SCHMITZ, Sophia. Johann "Rukeli" Trollmann. **Koordinierungsstelle Stolpersteine Berlin**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.stolpersteine-berlin.de/en/fidicinstr/1-2/johann-rukeli-trollmann>. Acesso em: 9 abr. 2026.

SOBOVITZ, Jacov. Agnes Keleti. **Jewish Women's Archive**, 2009. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/keleti-agnes>. Acesso em: 13 mai. 2026.

SOKOLOFF, Naomi B. **"He Is Not One of Us": The Scandal of Baron Gottfried von Cramm, a Gay Tennis Champion under the Nazi Regime**. Modern Language Studies, Chicago, v. 37, n. 1, p. 95–114, 2007.

STEIN, Leandro. A liga de futebol que dava esperanças aos judeus durante o Holocausto. **Trivela**, 2023. Disponível em: <https://trivela.com.br/europa/a-liga-de-futebol-que-dava-esperancas-aos-judeus-durante-o-holocausto/>. Acesso em: 26 abr. 2026.

THE HOLOCAUST Persecution of Athletes. In: The Nazi Olympics: Berlin 1936. **USHMM**, [s.d.]. Disponível em: https://www.ushmm.org/exhibition/olympics/?content=holocaust_athletes&lang=en. Acesso em: 11 mai. 2026.

THE NAZI Olympics: Berlin 1936. **USHMM**. Disponível em: <https://www.ushmm.org/exhibition/olympics/>>. Acesso em: 30 abr. 2026.

TORRALBA, Karla. O homem que superou Hitler. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/jesse-owens-calou-hitler-mas-foi-obrigado-a-correr-contr-animais-para-comer/#page1>. Acesso em: 05 abr. 2026.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Jewish Athletes — More Athletes. In: The Nazi Olympics: Berlin 1936. **United States Holocaust Memorial Museum**, [s.d.]. Disponível em: https://www.ushmm.org/exhibition/olympics/?content=jewish_athletes_more. Acesso em: 24 mar. 2026.

VESZPRÉMY, László Bernát. Between Legend and Reality: The Life and Death of Olympic Champion Attila Petschauer. **Hungarian Conservative**, 2026. Disponível em: https://www.hungarianconservative.com/articles/culture_society/olympic-champion-attila-petschauer-life-death/. Acesso em: 03 abr. 2026.

WACKS, Mel. Lillian Copeland. **Jewish Women's Archive**, 2009. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/copeland-lillian>. Acesso em: 01 abr. 2026.

WAHLIG, Henry. Erich Seelig. **Zwischen Erfolg und Verfolgung**, [s.d.]. Disponível em: <https://juedische-sportstars.de/en/seelig>. Acesso em: 19 abr. 2026.

WERNER Seelenbinder. **Gedenkstätte Deutscher Widerstand**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gdw-berlin.de/en/recess/biographies/index-of-persons/biographie/view-bio/werner-seelenbinder/>. Acesso em: 17 abr. 2026.

WREDE, Catharina. **Nora Rónai: braçadas de uma 'brasileira de coração'**. O Globo, 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/nora-ronai-bracadas-de-uma-brasileira-de-coracao-12106495>. Acesso em: 16 abr. 2026.



CRÉDITOS

AGOSTO DE 2026

REALIZAÇÃO

Associação Casa de Cultura Beit Yaacov Museu do Holocausto de Curitiba

PRESIDENTE

Miguel Krigsner

COORDENAÇÃO-GERAL

Carlos Reiss

PESQUISA E REDAÇÃO

Michel Ehrlich

Lucas Mascarello

MUSEOLOGIA E ACERVO

Daiana Damiani

PROPOSTAS EDUCATIVAS

Denise Weishof

Juliana Mayumi Maeda

Luzilete Falavinha

CONCEPÇÃO DE ARTE

Beck Hyppolito

COMUNICAÇÃO

Brunna Gabardo

Cecília Zarpelon

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Eduarda Batistela

AGRADECIMENTOS

Avraham Milgram (Tito), Eloiza Vasconcelos, Jaime Ingberman, Maria Lucia Voitech Neumann, Thiago Couto, United States Holocaust Memorial Museum.

A CHAMA E A SOMBRA:
OS 90 ANOS DAS
OLIMPIADAS DE BERLIM



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A chama e a sombra [livro eletrônico] : os 90 anos das Olimpíadas de Berlim / coordenação Carlos Reiss. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : Museu do Holocausto de Curitiba, 2026.

Outros autores: Michel Ehrlich, Lucas Mascarello, Juliana Mayumi Maeda, Denise Weishof, Luzilete Falavinha.

ISBN 978-65-976875-1-0

1. Esportes - História 2. Europa - História
3. Jogos olímpicos - História 4. Holocausto (1939-1945) 5. Nazismo - História 6. Olimpíadas - História I. Reiss, Carlos.

26-381491.0

CDD-796.4809

Índices para catálogo sistemático:

1. Olimpíadas : Esportes : História 796.4809

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314